



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL-UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**PRODUÇÃO TEXTUAL NAS TURMAS DO 3º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DUAS ESCOLAS PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA**

JOSELINA DOURADO DE SOUZA

CARINHANHA-BA, ABRIL DE 2013.

JOSELINA DOURADO DE SOUZA

**PRODUÇÃO TEXTUAL NAS TURMAS DO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE DUAS ESCOLAS PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
CARINHANHA-BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia a Distância pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB- Universidade Aberta do Brasil - UAB

CARINHANHA-BA, ABRIL DE 2013.

SOUZA, Joselina Dourado de. Produção Textual nas Turmas do 3ª ano do Ensino Fundamental de duas Escolas Municipal de Carinhanha- Bahia. Abril de 2013, 97 páginas.

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília/Universidade Aberta do Brasil – UNB/UAB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia à distância - FE/UNB - UAB

**PRODUÇÃO TEXTUAL NAS TURMAS DO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE DUAS ESCOLAS MUNICIPIO DE CARINHANHA-
BAHIA**

JOSELINA DOURADO DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia a Distância pela Faculdade de Educação – FE - Universidade de Brasília-Universidade Aberta do Brasil – UnB/UAB.

Banca Examinadora

Orientadora

Professora Doutora Norma Lúcia Neris de Queiroz
Secretaria de Estado de Educação-SEEDF e
Universidade Aberta do Brasil-UAB/UnB

Professora Mesc Neuza Maria Deconto
Faculdade de Educação – UNB

Professora Mesc Sandra Regina Costa
Secretaria de Estado de Educação- SEE/DF

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus pela vida, a meu esposo, aos meus pais pelo carinho compreensão, a todos os mestres professores, tutores a distância e presenciais, em especial, a professora, Norma Lúcia de Queiroz, pelo amor e carinho com que nos conduziu nesta longa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho primeiramente a Deus nosso criador, nossa força e luz, e segundo aos meus pais que sempre acreditaram e me apoiaram nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos meus amigos e irmãos que de certa forma direta e indiretamente me estimularam a continuar os estudos.

A meu esposo pela paciência e compreensão nos momentos que lhes faltei com atenção.

A todos que fizeram e fazem parte da minha história; a minha mãe Juscelina e meu pai José (*in memoriam*), meus irmãos Raimundo e Antonio (*in memoriam*) e minhas irmãs Edna, Lúcia, Rita e Nair.

A meus filhos, Jaqueline, Janaina e Anderson e a meus lindos netos, Ana bel, Caíque e Inari.

A todos os colegas de curso, coordenadora, professores, tutores a distância e presencial.

E a professora, orientadora Norma Lúcia Neris de Queiroz, companheira de trabalho.

Epígrafe

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.

Bruno Bettelheim

LISTAS DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 – Questão

Tabela 2 – Questão

LISTAS DE ABREVIATURAS

AJA - Alfabetização de Jovens e Adultos

BA - Bahia

EAD - Educação a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IDEB – Índice do Desenvolvimento da Educação Básica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MST – Movimento Sem Terra

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE – Programa Desenvolvimento Escolar

PPP – Projeto Político Pedagógico

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SEC – Secretaria de Educação e Cultura

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UnB – Universidade de Brasília

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

No presente Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido um estudo de pesquisa, no analisamos a produção textual de um grupo de alunos do 3º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas do município de Carinhanha no Estado da Bahia. O estudo teve como objetivo geral: Analisar a produção textual trabalhada por três professores com as turmas do 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, em duas escolas municipais de Carinhanha-Ba. Elegemos como objetivos específicos: identificar e analisar a concepção que os professores têm sobre o papel da produção textual no processo ensino aprendizagem, identificar a metodologia utilizada pelos professores nos anos iniciais, ao trabalhar com produção textual. Para fundamentar a análise dos dados, construímos o referencial teórico com os seguintes autores Cagliari (1999), Kramer (2010), Lajolo (2002), Ramos (1997), Koch (1999), Ferreiro (2011), Freire (1985), Piaget (2007) e Vigotsk, (2007). Optei pela pesquisa qualitativa de natureza descritiva utilizando os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada realizada com três professores, dois diretores e duas coordenadoras pedagógicas das escolas pesquisadas, análise documental e dos textos produzidos por um grupo de alunos. Com a análise de dados, encontramos os seguintes resultados: Assim, ao abordar o processo da produção da escrita nos anos iniciais, percebemos que esta é a preocupação dos professores participantes deste estudo. Portanto, as formulações teóricas a este respeito ainda carecem de reflexões mais aprofundadas, sobre a concepção da produção escrita do aluno. O resultado deste estudo indica que os professores trabalham a produção textual, mas a sua maior dificuldade é analisar as produções desses alunos do ponto de vista da análise linguística.

Palavras chave: Produção textual; ensino fundamental; aprendizagem

Sumário

PARTE 1 – MEMORIAL EDUCATIVO	11
INTRODUÇÃO.....	11
COMEÇANDO O RELATO DA MINHA HISTÓRIA	12
A CAMINHO DA PROFISSÃO	15
AQUI COMEÇA A MINHA CARREIRA DE DOCENTE	19
NOVO OLHAR.....	23
CONCLUSÃO	26
PARTE 2 – INTRODUÇÃO	30
CAPÍTULO 1 – REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	34
1.1 PRESSUPOSTOS E TEÓRICOS	34
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE PESQUISA	51
2.1 CONTEXTO DA PESQUISA	52
2.2 PARTICIPANTES DE ESTUDO	55
2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	55
2.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	58
2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	58
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
3.1 DOS PROFESSORES	59
3.2 DOS COORDENADORES	66
3.3 DOS DIRETORES	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
PARTE 3 – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	99
ANEXOS	100
APÊNDICE 1	100
ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES	100
ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS COORDENADORES	102
ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM DIRETORES	104
ANEXO 2	106
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIO	106

PARTE 1

**MEMORIAL EDUCATIVO - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA
MINHA VIDA A CAMINHO DE FORMAÇÃO****I – INTRODUÇÃO**

Nesta parte, relato minhas reflexões sobre a trajetória de vida da minha prática como educadora, incluindo as expectativas e inquietações sobre algumas situações desafiadoras vivenciadas no decorrer dos anos. Foram dezoito anos de dedicação na área do ensino fundamental. Neste momento, lanço meu olhar sobre minhas memórias para fazer uma retrospectiva, da minha vida pessoal e profissional. Dando seguimento, farei um relato da minha carreira como professora do ensino fundamental, especialmente, da quarta série, evidenciando métodos diferenciados, o breve olhar sobre a infância, novos conhecimentos, a partir de uma reflexão sobre o desenvolvimento cognitivo dos alunos com base nas teorias de Piaget, Vygostky, Wallon. E por último faço minhas considerações finais.

Espero que esse trabalho possa de alguma maneira contribuir para que os(as) colegas possam aprender com as minhas experiências. Creio que preciso acreditar no que faço, mas ter a mente aberta para novos caminhos, e jamais perder de vista meu objetivo e não desprezar o que já sei em detrimento do novo, ter uma atitude reflexiva perante as diversas mudanças “sugeridas” ou nos cursos de formação, filtrar o que me serve, tendo consciência de que par, “mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 1996, p.88)

Sei que a UnB é, em grande parte, a responsável pela reflexão sobre minha prática e os cursos de formação. O curso tem me ajudado a ver o aluno como um todo e não apenas uma parte dele, por exemplo, o desenvolvimento cognitivo como antes via apenas determinada característica, por exemplo, o aluno

indisciplinado, o pai alcoólatra, a mãe ausente, enfim, me preocupo com a vida dele fora da escola que muitas vezes justifica seu comportamento. Percebo que esse aluno precisa mais que qualquer outro da afetividade e do cuidado do professor.

Neste sentido, a memória é compreendida como o saber transformador que articula e legitima os conhecimentos produzidos nas práticas compartilhadas com diferentes interlocutores, contextos e espaços.

As disciplinas de Psicologia da Educação e do Ensino de Geografia contribuíram para esse redirecionamento do olhar, vendo o aluno como um todo. Durante o curso, pude aprender bastante sobre as reformas educacionais e perceber que em busca de atualização muitas vezes, fazemos cursos mais acessíveis financeiramente, cuja qualidade fica a desejar. A lição e a aprendizagem que ficaram é que a dúvida e a insegurança são os piores caminhos. Portanto, antes de seguir o método de alguém, preciso conhecê-lo, ter segurança e confiança para trilhar o melhor caminho para chegar até o aluno, oferecendo-lhe a oportunidade de construir uma aprendizagem significativa que o acompanhe por toda sua vida.

COMEÇANDO O RELATO DA MINHA HISTÓRIA

No ano de 1973, iniciei meu cotidiano escolar, se bem lembro foi na época em que começou a construção do Banco do Brasil em Carinhanha, uma das datas emocionantes para as famílias carinhanhenses, e para mim foi uma das datas mais inesquecíveis, pois na nossa cidade, poucos pais tinham seus filhos na escola. A vida era muito difícil, aqui só estudavam os filhos de classe média. E certamente eu não fazia parte desse grupo.

Comecei a estudar nessa época, pois houve uma pequena mudança em família, pela primeira vez, meu pai passou a trabalhar com direito a ganhar salário mínimo e salário família. Foi o momento que tivemos a chance de entrar para escola. É claro pelo grande esforço do meu pai, homem guerreiro e de muita fé.

O meu primeiro contato com a escola foi em uma instituição particular, na qual a professora dava chance os filhos de família de baixa renda. Caso tivesse até 5 filhos pagaria a mensalidade de apenas dois com intuito de ajudar esses alunos a aprender a ler e escrever, porque ainda não havia escolas públicas em nossa cidade. Ainda me lembro da minha professora ali de pé ao lado da mesa e aquela fileira de bancos, armados sobre duas pernas, todos lotados de alunos, os quais só poderiam levantar se fossem convidados pela professora. Na escola não havia nenhum profissional de apoio, nós, alunos, cuidávamos da escola, havia ali, uma escala de alunos para manter a limpeza do espaço. Todos os dias, três daqueles alunos ficariam encarregados de cuidar da organização da sala. E tudo era mantido em ordem.

Meu pai sempre fora um grande sonhador, que tivera a oportunidade de estudar até a segunda série, e tinha convicção que daria esta chance a seus filhos, pois tinha um grande desejo de ter pelo menos um filho com a profissão de professor. Para ele, a coisa mais importante em um homem era saber articular as palavras, saber transmitir ao outro, de saber conduzir cada letra e todos os pedaços de sílabas.

Na nossa família, a educação era instigada por limites, nenhum dos irmãos tinha coragem de desafiar o irmão mais velho, pois na ausência de pai, ele responderia e devíamos obediência a ele.

Como a família era formada por nove irmãos, e todos teriam o direito de ir à escola, e meu pai tinha o desejo de vê-los todos encaminhados na vida, ia colocando na escola aos poucos, quando alguns de nós conseguíamos aprender a ler e escrever, ele colocaria os outros e assim, sucessivamente, porque na verdade não tinha condições de pagar a mensalidade para todos de uma só vez.

O início de minha escolaridade foi aos oito anos de idade, na escola Dona Carmen, onde comecei a interagir com o mundo da palavra comecei pela cartilha do ABC, lia todo e depois voltava recordando. Terminado o ABC, passava para a cartilha, nosso Tesouro.

A professora era tradicional, e castigava os alunos, quando não preparávamos a lição de casa para ser tomada no dia seguinte. Quando terminei

de recordar a cartilha tive que parar de estudar, porque ainda tinha três irmãos que precisavam estudar. Era assim que seguia a regra da minha casa. Tive de parar por alguns anos, mas logo, surgiu a construção de uma escola estadual de 1ª a 4ª série, então minha mãe ficou vários dias sem poder ir à roça trabalhar, tentando conseguir uma vaga no Colégio Estadual Coronel João Duque. Finalmente, conseguiu me matricular.

A escola era bonita e com carteiras novas tinha até espaço para guardar os cadernos, eu sentia que estava no “céu”. Conheci muitos colegas de classe média de situação diferente da minha, mas nos adaptamos bem, só que a professora, não me agradava, ela não me dava atenção, como dava aos outros colegas da minha classe. Ela era branca, bonita e nos ignorava, parecia não gostar dos alunos negros.

Chegou o momento da 2ª série, começaram a construir mais escolas, foi construída uma em nossa rua. Acompanhei todo desenvolvimento da construção que levou cinco meses, pois tinha o desejo de estudar naquela escola.

Em maio de 1976, foi inaugurada a Escola Estadual Lindaura Brito de Assunção. No dia seguinte, começaram as matrículas e consegui ser matricula e esta escola fez toda diferença em minha vida. A minha professora, agora sim, era maravilhosa, meiga e educada. Tratava-me com muito carinho e ensinava com muito prazer. Ela era bonita e cheirosa, todos os colegas a amavam. “A herança cultural, que difere sob dois aspectos segundo a classe social é a responsável pela diferença inicial das crianças diante das experiências escolar e, conseqüentemente pelas taxas de êxitos” (BORDIEU, 2001, p,42).

Na 3ª série continuou a mesma professora e o meu aprendizado fluía cada vez mais, o ano passou, fui aprovada para a 4ª série, aí sim, foi essa época de estudo que ficou marcada em minha memória. A professora que jamais esquecerei, esta me ensinou o valor de ser criança e ao mesmo tempo, de ser estudante. Suas aulas eram dinâmicas e bastante criativas, enchiam-me de orgulho e curiosidades. Ela valorizava todos os nossos passos e nos incentivava a seguir em frente.

A CAMINHO DA PROFISSÃO

No ano de 1978, terminei a 4ª série e tive que parar novamente os estudos, porque na cidade, o colégio que atendia alunos de 5ª a 8ª série era particular. Meu pai deixou de ser assalariado, pois a construção do Banco do Brasil terminou. Então, a manutenção da família estava cada vez mais difícil, não havia escolas públicas, como éramos muitos irmãos, meu pai sentou-se conosco e pediu, aos irmãos mais velhos que conseguissem trabalho, deveriam ajudar os outros que tinham vontade de estudar, ajudando a pagar a mensalidade da escola.

Meu irmão Raimundo que estava terminando a 8ª série me disse: *não se preocupe se a lavoura de algodão for salva ganharei um bom dinheiro e investirei no pequeno comércio e você vai trabalhar comigo, em troca pagarei os seus estudos*. Fiquei super animada, os dias passaram chegou à época da colheita, a safra não foi das melhores, mas deu para meu irmão pagar o banco e sobrou um pouco, que ele fez uma poupança. Mesmo assim, meu irmão me disse: *mana não desamine o próximo ano será melhor*. De verdade foi mesmo, ele conseguiu um contrato de 3 meses para trabalhar na SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Como assistente de meteorologista, neste período, juntou mais um pouco das economias. E sempre ele dizia “*mana, nós vamos chegar lá*”. Durante o seu trabalho de tempo probatório, a chefe da firma percebeu a perseverança do meu irmão e o encaminhou para Vitória da Conquista com a finalidade de fazer um curso, para que o mesmo continuasse na SUDENE.

Só que eu não entendia a razão da sua viagem, chorei muito, por ter perdido a chance de ser sua funcionária e não consegui voltar para a escola. Mas muito pelo contrario, o meu irmão foi preparar-se para integrar a um trabalho fixo, depois de 90 dias se passaram, ele voltou.

Tempos depois, ele chegou e disse para minha mãe “*vim para ficar, é preciso ajudar vocês. Vou montar um comércio e Joselina vai trabalhar para mim. Como nos tínhamos combinados antes*”.

Como Deus é pai e a união faz a força. Comecei a trabalhar com ele e no ano seguinte ingressei na escola (5ª série). Estava muito feliz, estudava muito, nunca tirei uma nota menos que a média, nem tão pouco ficava para recuperação final. Era um pouco fraca em Matemática, mas este meu irmão me ensinava, quando tinha dificuldade. Na 5ª série algo me deixou triste, eu tinha uma professora que olhava com “boca de nojo”, não sei por quê? Ela era professora de História do Brasil, um dia ela aplicou a prova na sala, e no dia seguinte nos entregou o resultado. Chamou-me pelo número (16) aí levantei a mão, ela olhou para mim e disfarçou a visão, então continuava a chamar pelo nome Joselina, eu respondi presente, então ela disse é você, sim sou eu. Ela olhou-me com desprezo parece não acreditar no meu potencial. Os colegas gritaram. É ela mesma professora, a Joselina.

A linda professora olhou-me e entregou-me a prova, em seu semblante eu estava vendo, ela não acreditava na pessoa que estava em sua frente, ter tirado nota 10. Esse dia foi muito triste cheguei a casa, contei para mãe e meu pai que sempre nos apoiaram e todos disseram “*não se inquieta minha filha, deus é maior*”. Sabe que pensei em desistir de estudar, mas meu desejo era maior. A partir desse dia, a professora passou a me marcar nas atividades e nas avaliações eu sentava bem na frente e separada dos colegas. O dia de avaliação era um desafio., Eu estudava muito, só para mostrar que tinha capacidade de conseguir boas médias, para que ela passasse a confiar no meu talento, os dias passaram e a professora descobriu quem eu era realmente.

“A compreensão de como se organiza o processo do trabalho e do ato produtivo em sua complexidade desenvolve a necessidade de transformação técnica do trabalhador” (FREIRE, 1982, p.42). Neste contexto encontro - me vivendo papéis diferentes num mesmo momento de vida e aprendizagens. É sob tais condições que repenso minhas experiências tanto como professora quanto como aluna, por isso ao buscar aproximações entre papéis sociais construídos de maneiras tradicionais, hoje em contrapartida apresento em novos ideais, porque aprendi pelos caminhos que percorri ao chegar até aqui.

Nos relatos que compõem este memorial, revelo os modos como (re) descobri, nos fazeres, nos saberes, a dimensão das minhas idéias e práticas. Cada memória documentada indicia os fundamentos que significam o horizonte e dão sentido às minhas ações pedagógicas. Significados que orientaram e orientam a minha busca por práticas e discursos teóricos sobre os temas discutidos, que possibilitaram e possibilitam novos olhares para meu ofício de professora de educação infantil.

Em 1982, este foi o ano que a nossa mãe, mais precisou da ajuda financeira da família, pois nosso pai ficou muito doente e precisou fazer uma cirurgia no estômago e teve de sair da comunidade. Então, todos juntos lutávamos pela recuperação dele. Não medimos esforços, tivemos de trabalhar de segunda a domingo para ajudá-los. Com toda precariedade da vida que vivíamos, este foi o momento que mais passamos privação, mas com a nossa união e coragem, vencemos.

Nosso pai ficou doente por 8 meses, graças ao pai eterno, ele se recuperou, voltou para casa e tudo voltou ao normal. Concentramos nos estudos novamente, ele repleto de alegria pelos filhos que teve e que não o decepcionou quando esteve ausente dizia: *“continue estudando assim terão um caminho brilhante pela frente”*.

No ano seguinte, fiz a 6ª série e segui em frente até a 8ª série, junto com meu irmão, trabalhando em seu comércio; quando iniciei o segundo grau. No período do 1º ano ao 3º grau o meu irmão se casou. Desisti de trabalhar com ele, então comecei a trabalhar como doméstica para pagar meus estudos.

No ano de (1986), as “coisas” mudaram muito, e para melhor. O governo já oferecia bolsa de estudo para os filhos de família de baixa renda. A minha irmã conseguiu bolsa integral, para ela e meu irmão, e eu consegui bolsa parcial. Tudo melhorou para nos, mas não paramos de trabalhar.

Em 1987, conheci o meu esposo, comecei a namorar, entrei de cabeça, apostei todas minhas fichas neste romance. Fui reprovada na escola, acabei perdendo a bolsa parcial que tinha conseguido.

Meus pais ficaram bravos e muito chateados, mas não desanimei. No início de 1988 me casei, mas continuei estudando. Meu esposo bancava tudo, mas logo fiquei grávida e neste mesmo ano, ganhei o bebê, antes mesmo de encerrar o ano letivo. Então, fui convocada para uma reunião do Conselho Escolar. Lá me deram a chance de fazer todas as avaliações que não tinha feito e fui aprovada. Em 1989, engravidei novamente, foi uma loucura, antes de terminar o ano letivo, estava com duas crianças.

Sei que são dádivas de Deus, mas passei um baita aperto para cuidar de duas crianças, casa e estudar, mas não desisti. Como estudava a noite, os filhos ficavam divididos um com avó materna e outro com a vó paterna, desta forma consegui concluir o magistério.

No momento do estágio, voltei à escola que me fez sentir realmente criança e estudante, Escola que conhecia pontos e senti confiança no olhar daquelas professoras queridas. Então, é lá que vou contribuir, com tudo que aprendi. Até este momento, tinha paixão por ser professora e minhas ideias estavam centradas, pois queria ensinar assim como aprendi.

E no estudo sobre as funções sociais do sistema escolar na sociedade contemporânea, Bordieu destaca que:

“Se os membros das classes populares tomam a realidade por seus desejos é nesse terreno como uns e outros, as aspirações tais exigências são definidas, em sua

Professor Educador

Trafegando no mundo do ser

Basta seguir a meta

De quem transmite o saber.

Professor, este é apenas um
dia

Para se comemorar

Para quem aponta horizontes

Todos os dias devem festejar

Na travessia da vida

Educadores vêm perpassar

Ao ministrar suas aulas

A partilhar carinho, amor,
atenção

É isso que o homem hoje clama

Para cristalizar a lição.

E nós, professores aprendizes,

Precisamos direção

Ser como o Mestre do mestre

Eternizar educação!

De Marina Caroline de Almeida
Carvalho

Itaperuna-RJ -

forma e conteúdos pelas condições objetivas, que excluem as possibilidades de desejar o impossível” (1998, p.47.)

Naquele dia, explicito o desejo de exercer uma profissão conquistada pela continuidade dos meus estudos.

AQUI COMEÇA MINHA CARREIRA COMO DOCENTE

Ao longo do processo do curso magistério vivenciei as reflexões, não sistemáticas sobre práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, ali morava a busca por um novo sentido para as experiências vividas na escola. Logo após terminar o curso de magistério, fui convidada pela secretaria municipal de educação para substituir uma turma de alfabetização no bairro mais carente do município, porque a professora entrava de licença. Então aceitei a proposta que seria por 4 meses .

No início foi um desafio a grande política educacional. Em uma turma de 28 estudantes, classe heterogênea, alunos rebeldes e outros com dificuldades de aprendizagem que completavam dois anos de estudo e continuavam sem aprender o mínimo, só faziam garatujas. Por outro lado, outros já sabiam ler e, escrever e faziam a junção das sílabas direitinho. Cada dia notava algo diferente na turma. Naquele momento não sabia como reagir diante desta situação, mas buscava formas de incentivar o aluno, principalmente, a brincar de maneira mais amigável. Para que pudéssemos está mais próximo deles, aos poucos fui conseguido conquistá-los e fazendo com que sentissem confiança, buscava trazer a realidade deles para a sala de aula.

Na sexta-feira era dia de planejamento semanal, estávamos juntos todos os professores e diretor para planejar, ai então que comecei a compreender toda demanda da sala de aula e da escola. O momento do planejamento dá uma visão da escola como um todo, Gadotti (2003, p. 36) afirma que “planejamento na escola é um processo permanente que implica ainda a avaliação constante do

seu desenvolvimento, Planejar- se par alcançar objetivos que ainda não foram alcançados”

A partir deste dia, passei a sentir mais segura, às vezes necessitava de orientação e direcionamento para melhor aprimorar meus trabalhos e dar conta de desenvolver na prática atividades para os alunos aprenderem. Assim foi seguindo a nossa rotina de trabalho. No ano seguinte fui contratada para trabalhar em uma creche, onde trabalhei por 5 anos como professora.

No ano de 2001, fiz o concurso para professores municipais, no qual fui classificada e comecei a trabalhar em uma escola rural multiseriada por três anos em um assentamento do Movimento dos Sem Terra. Lá havia 36 famílias todas carentes, mas com grande coração. As pessoas tinham uma solidariedade invejável, dividiam tudo que tinham entre os demais. Era necessário atender neste assentamento 86 alunos de 1ª a 4ª série, mas como trabalhar com todos eles. Passei a trabalhar 40 horas por semana, organizando as turmas da alfabetização e da 2ª série no turno matutino e da 3ª e 4ª série, no turno vespertino e para completar a noite trabalhava 2 horas com os jovens e adultos.

A minha preocupação maior era como alfabetizar todos aqueles alunos e eram muitos. Pedi ajuda a coordenadora pedagógica, ela orientou-me trabalhar com projetos, mas como utilizá-los, se não tinha nenhuma noção de como elaborar um projeto?

Com ajuda dos colegas que estavam fazendo o curso de Pedagogia na UNEB desde 2000, eles começaram a me orientar. Fiz o diagnóstico do que os alunos sabiam e do que queriam aprender. Fui registrando os interesses apontados por eles. Voltando a comunidade, tracei um projeto com ajuda dos colegas e na segunda feira apresentei para os alunos, dizendo o que íamos trabalhar naquele projeto, cujo tema era (Volta às Aulas). Com o Título: toda criança tem futuro na escola, tendo como grande foco o seu objetivo geral. Situar no espaço familiar, escolar e social como agente atuante participativo e integrante no exercício de sua cidadania através dos conteúdos e atividades que serão desenvolvidas em todas as áreas contempladas. Diante deste projeto a aplicação da metodologia viria a oferecer aos alunos campos para a construção de

conhecimentos, partindo de suas experiências de vida. Quando expliquei os conteúdos que seriam trabalhados, vi a alegria e a emoção deles. Não tive dificuldades de desenvolver o trabalho com eles, pois eram criativos e interessados. Os pais os acompanhavam durante todo esse tempo que lecionei nesta escola. Analisei muito o processo que vivenciei com esses alunos maravilhosos pela possibilidade de aprender e ensinar aqueles alunos de baixa renda como eu, mas com profundo respeito por eles.

Nesta experiência, estava com alunos que tinham fome de aprender. Entre todos aqueles que estavam ali na sala, apenas quatro não tenho certeza se aprenderam, sendo que um era surdo-mudo; um cego e os outros dois apresentavam grande dificuldades de se expressarem. Sei que três deles conseguiam desenhar o nome, mas não sei se realmente sabiam. Eles interagiam muito bem com os colegas. Eles eram astuciosos e criativos nos desenhos. Em relação à leitura e escrita (alfabetização), eles não conseguiam fazer quase nada. A escola era uma forma de socializar com os demais colegas. Agora, vejo que fiz muito pouco por eles. Só sei que aprendi muito, convivendo com esses alunos. Sei, também, que as particularidades de cada aluno devem ser respeitadas. No ano seguinte, mudei para uma escola do povoado de Marrequeiro. Lá o respeito dos alunos pelos colegas era totalmente diferente.

Para eles não tinha tanto valor nem diferença a forma como tratavam os adultos, os colegas e os pais. A cultura dos alunos do Povoado comparada aos do assentamento era totalmente diferente. Enquanto os alunos do assentamento sabiam ouvir, respeitar a fala do outro e tinham vontade de aprender. Os do Povoado de Marrequeiro eram muito violentos e arrogantes. Até que ponto cada um de nós compomos a sua história? Para responder a essa questão, chamei Arroyo (2001) que destaca os limites materiais e culturais impostos pela origem social da maioria dos professores que estão em exercício afirmando que:

A condição de vida da maioria está presente em nossas escolhas. Não escolhemos a profissão que queremos, mas a possível. Essa condição está presente na socialização de toda a nossa vida, sobre tudo de nossa

infância e juventude, na socialização das imagens profissionais e das posições que projetamos como possíveis (ARROYO, 2001, p.126).

Tomo consciência destes limites e dos determinantes sociais que foram naturalmente vividos, acontecimentos que estão se materializando na escrita das minhas memórias, quando me lembrava dos alunos do assentamento rural que demonstravam tanto interesse para aprender. E eu ali com o pouco de conhecimento que tinha, integrando a aquelas crianças ao sonho, da aprendizagem, da imaginação, um espaço de transformação, onde do meu modo devolvia a elas tudo que aprendi, de forma positiva.

Assim tendo que tomar como ponto de partida a realidade dos mesmos, resgatando em totalidade, a consciência crítica e o papel ativo do aluno, e tendo o professor a função de criar esse ambiente motivador.

Foi aí que começou aparecer, cursos de extensão sobre alfabetização. Curso de capacitação pedagógica Alfabetizar, incentivado pelo Governo do Estado da Bahia desenvolvido pela Secretaria da Educação - SEC. Superintendência de Desenvolvimento Educacional-SUD, que aconteceu em julho, no ano de 2000. Um curso com práticas pedagógicas, em que suas atividades evidenciavam mudanças de idéias e atitudes diante do trabalho com o aluno e permitia que o mediador propiciasse e ampliasse posturas com experiências iniciadas frente ao ensino das artes e física desde as séries iniciais, também evidenciava cada vez mais a motivação e envolvimento acima de tudo disposição para enfrentar o trabalho em busca de aprendizagem, assim continuei a participar de curso e ficava mais claro para alavancar o meu trabalho em sala de aula.

Depois surgiu o curso de alfabetização de jovens e adultos, (Curso de Capacitação de Alfabetizadores do Programa Aja Bahia) promovido pelo Instituto Anísio Teixeira e Secretaria de Educação de nossa cidade, realizado no mês de outubro de 2000, pelo qual me proporcionou ver com mais clareza, formas de como trabalhar a educação desses jovens, englobando atividades propostas que visam mostrar o valor dos seus conhecimentos e suas vivência, mesmo que não

tenham adquirido nos bancos escolares durante minha participação nos cursos, vejo que era muito às expectativas na volta para sala de aula. Bordieu (1980) ressalta que os mecanismos culturais que caracterizam o sistema escolar são fatores de mobilidade social. Argumenta, ainda, “que as mesmas condições objetivas que definem as atitudes das crianças diante dessas mesmas escolhas e consequentemente, todas suas atitudes com relação à escola” (p. 47).

A criança pequena tem uma maneira própria de se relacionar com o mundo. Essa da interação acontece através do simbolismo. O mundo simbólico da criança é constituído pela imaginação infantil que é um misto de ingenuidade e criatividade. As imagens mentais da criança vão se formando a partir das suas interações com o mundo da escola.

NOVO OLHAR

No ano de 2007, prestei vestibular para UnB/UAB e passei para Pedagogia a Distancia. Então pensei, agora vai ser tudo diferente. Neste momento, recebi também a portaria para trabalhar como Diretora da Escola Municipal Padre Manoel da Nóbrega, onde exerci o cargo por três anos. Hoje, atuo na Escola Luiz Viana Filho há mais de dois anos. Nessas escolas, tentei fazer a diferença tanto na gestão quanto na sala de aula, porque em 2010, fiquei um turno em sala de aula, apresentando e ensinando o que aprendi na universidade, enriquecendo, também, minhas experiências pedagógicas.

Hoje, observo a necessidade que se encontra a educação. Deveríamos ter pedido mais, gritado mais, por alguém, que pudesse orientar ou direcionar para um caminho real. Com a visão que me palpita nesta manhã, faria com que os alunos que ensinei tivessem outro caminho para descobrir o saber, criando uma razão para eles degustarem melhor o prazer de aprender, a partir de ingredientes que fomentassem sabores diferentes, para que se apropriassem do aprendizado como seu tesouro.

Neste momento, reflito sobre a educação rural, a partir daquela experiência que vivenciei, na qual com pequeno esforço fui buscar uma saída,

talvez não suficiente, mas aquilo que a escola deve mostrar aos alunos que estão fora do seu contexto. Nos campos da universidade, percebi que somos obrigados a buscar alternativas para a educação, estudando as teorias, articuladas às práticas escolares.

No contexto atual, somos exigidos a buscar meios de transformar a sociedade, o educador tem o dever de se comprometer com seu aluno. Respeitando suas características individuais, e o seu ritmo de construção da aprendizagem, como destaca Rubem Alves (2009) no poema a seguir:

Não acredite nos que sabem
tudo.

Os que muito sabem, sabem que
têm muito a aprender.

A educação é do tamanho da vida.

Não há começo, não há fim

Só travessia.

As disciplinas cursadas como parte de currículo do curso deram grande contribuição à minha formação como Pedagoga. A compreensão dos processos da articulação das políticas sociais e educacionais organizadas por sujeitos, dirigidos por sua visão de mundo e ampliada nos estudos sobre planejamento, gestão escolar, reformas educativas, estrutura e funcionamento dos diferentes níveis de ensino, bem como a tecnologia, o multiculturalismo e diversidade cultural foram essenciais na fundamentação da educação.

Este curso proporcionou muitos momentos de reflexão. Aliás, mudou minha visão e aspiração como educadora. Passei analisar melhor minhas ações e meu jeito de lidar com os alunos até mesmo na comunidade. Neste sentido, os conceitos teóricos são muito válidos para aplicação na prática. Muitas vezes parecem que as ações são mesmo diferentes das sugeridas pelos autores, mas

em outros momentos temos certeza de nossa mudança, como por exemplo, alfabetizar um aluno não é dar um pacote de atividades, entregá-las e pronto. Dar aula é muito mais que ensinar, é educar, alfabetizar é aprender a conviver com o aluno, é criar oportunidades para o aluno.

As contribuições das disciplinas de Pensamento Histórico, como Psicologia da Educação. Educação infantil, ministrada pela Profa. Maria Aparecida Camarano, Processo de Alfabetização e Letramento, ministrados pelas professoras, Maria Alexandra Militão e Norma Lucia Queiroz e Filosofia da Educação, ministrada pelo professor, Tadeu Queiroz, foram básicas para formular uma compreensão acerca da evolução histórica, das concepções dos conhecimentos da natureza e do mundo e das práticas educativas. Todas elas contribuíram nas reflexões e nas minhas transformações, como sujeito profissional pensante: Antropologia da Educação Organização da Educação Brasileira, História da Educação, Psicologia da Educação, Ensino no da Língua Materna, Educação da Matemática, Processo da Alfabetização e Educação Infantil, porém pude aprofundar meus conhecimentos de Pensamento Filosófico e Educação, esta disciplina me interessou muito, pois venho questionando o papel da educação no que se refere à valores essenciais na vida de todo ser humano. Os projetos que também contribuiu muito na minha formação, foram Projeto 02, Projeto 04, Projeto 03 Fase 1 em EAD. Projeto 05 Fase 1.

Varias foram às disciplinas que propuseram encandear a minha aprendizagem, exceto Cultura do Cotidiano Escolar, e Cultura Organizacional. A forma como foi ministradas, seus professores não nos acompanhavam com muita freqüência eram muito distante da plataforma, seus textos eram confusos e seus conteúdos não apresentavam nenhuma compreensão.

Ao interagir com os meios tecnológicos muito me atraiu, levando-me a interagir com outros meios de comunicação, por exemplo, assistir a TV, a filmes e participar de palestras e web conferência, cutucar câmeras fotográficas, gravar vídeos para interagir com este mundo virtual.

A disciplina de Sociologia da Educação fez-me compreender como vão surgindo as mudanças no processo dos indivíduos quanto aos *status* sociais. Ela

nos fez voltar para os problemas que enfrentamos no dia-dia de nossas vidas em comunidade. E Filosofia da Educação veio contribuir para assumir uma nova postura, ou seja, revisar a história e observar que somos influenciados e influenciados, no sentido da construção de nossa identidade.

Hoje, há uma filosofia nacional que continua desafiando os teóricos a investigar de forma inovadora, porém, todos os autores estudados no decorrer desse curso, me emocionaram, mas os que me influenciaram foram Paulo Freire, Celestin Freinet que defenderam a necessidade do envolvimento de práticas sociais que ajudem o ser humano a se inserir na sociedade de maneira mais ativa e como sujeito de transformação.

Sei, portanto, que o profissional da educação deve ter a responsabilidade social de comprometer-se com sua prática pedagógica para realizar uma educação de qualidade. Seu campo de atuação deve ser pleno de dinamismo, suas opções metodológicas não podem ser as mesmas para todos, precisam inová-las. Sendo assim, é fundamental garantir a manutenção da universidade como um espaço de formação inicial e continuada de professores comprometidos com a sociedade e com a educação das crianças e dos jovens.

CONCLUSÃO

Deste modo, este memorial buscou apresentar um conjunto de fatos e reflexões com o objetivo de tecer uma análise sobre meu processo de formação e produção percorrido até o presente momento. Nesta trajetória fica cada vez mais claro em especial, pelo exercício docente o compromisso com a sociedade e com a educação, em desenvolver atividades diárias em sala de aula, no qual se destaca a importância da articulação entre o processo de ensino aprendizagem com competências necessárias para realizar tal intento que vem sendo construída, coletivamente e de modo contextualizado, ao longo de minha formação e atuação.

Essas reflexões com relação a escola, com os conhecimentos sistematizados nestas instituições, mediante conflitos: de um lado, a luta da minha

mãe, do outro do outro lado, o meu pai, um eterno sonhador que sempre valorizou uma atitude de busca pelo conjunto de saberes diferentes através da escolarização. Vale ressaltar que na trajetória do curso de Pedagogia, as pessoas que mais fizeram parte da minha vida, e se esforçaram para eu seguir nesta caminhada, já não se encontram aqui.

Em primeiro lugar, o meu pai que faleceu antes de eu ingressar na Faculdade. Em seguida, meus dois irmãos: Raimundo, que muito contribuiu quando eu ainda era aluna aprendiz e Antônio que partiu em 20 de outubro de 2011, no penúltimo semestre do curso.

Apesar de todas essas perdas, tive também muitos ganhos, muitas alegrias e muitas glórias, somando muitos conhecimentos. A faculdade também me ajudou seguir novos horizontes: ver o aluno como um todo e não apenas uma determinada característica dele. Por exemplo, hoje consigo ver atrás dos alunos indisciplinados o pai alcoólatra, a mãe ausente, enfim, sua vida fora da escola que muitas vezes justificam seu comportamento. Percebo que esses alunos precisam mais do que qualquer outro, de afetividade e do toque do professor que lhe incentivem ajudando a perceber novas formas de se comportar para melhor buscar uma interatividade junto aos outros. Como discutimos nas aulas, tudo o que vemos não é o que parece. A partir dessa nova visão, meu relacionamento com os pais também mudou, percebendo-os como pessoas, como parceiros e não apenas como pai ou mãe de alunos desinteressados ou família “desestruturada”.

Na minha vida pessoal, vejo que interiorizar esses conhecimentos, me faz uma pessoa melhor, e assim poder passar esses conhecimentos para o trabalho com diferentes interlocutores nos contextos e estudos.

Durante o curso, pude aprender bastante sobre as reformas educacionais e perceber que em busca de atualização muitas vezes fica sempre em meus pensamentos. Porém a dúvida quanto à qualidade e à intenção dos cursos de formação não deve interferir na minha busca por aprender mais, tendo claro a lição e a aprendizagem que ficaram para mim. É que a dúvida e a insegurança são os piores caminhos, portanto, antes de seguir a metodologia de alguém, é

preciso conhecê-la, ter segurança e confiança, trilhar o melhor caminho para chegar até o aluno, oferecendo-lhe uma aprendizagem significativa que o acompanhe por toda sua vida.

Diante das mudanças ocorridas na educação, vejo que as disciplinas cursadas vieram acalhar principalmente em minha profissão. As mesmas instigaram-me a olhar com mais carinho e entusiasmo para os nossos alunos para que pudessem fazer um trabalho dinâmico, priorizando os interesses infantis. Fazendo-nos reconhecer que depende também, de como o educador ver e passa acompanhar os alunos. E ao mesmo tempo, ensinou a ver com mais clareza e fazer valer o que é assegurado nas Leis educacionais.

Os recursos didáticos foram ótimos, nos levaram a viajar pelo mundo, motivada por uma inquietação do querer estar e poder fazer uma educação melhor, na qual nos faz refletir bastante ao nos posicionar perante o nosso trabalho em sala de aula.

Como estudante do curso de Pedagogia todo momento transcorreu entre descobertas, reflexões e mudanças de visão de mundo. Para tanto, foram significativas as atividades didáticas, realizadas nas disciplinas curriculares, as atividades de representação estudantil e, muito especialmente, as atividades de iniciação científica, como as pesquisas de campo. É necessário registrar, ainda, a relevância dos momentos de convivência com os sujeitos pelo vivenciaram essa nossa trajetória bem mais de perto, professores, tutores e os nossos amáveis colegas de curso que fizeram e fazem parte da minha formação no dia a dia da Faculdade. Os acontecimentos que vêm marcando essa itinerância, que tem na Faculdade um de seus principais cenários, têm um valor inestimável no meu processo de formação e atuação.

Nos fatos relatados que compõem este memorial, revelo os modos como (re) descobri, nos fazeres, nos saberes, a dimensão das minhas ideias e práticas. Cada memória documentada indicia os fundamentos que significam no horizonte e dão sentido às minhas ações pedagógicas. Significados que orientaram e orientam a minha busca por práticas e discursos teóricos sobre os temas discutidos, que possibilitaram e possibilitam novos olhares para meu ofício de

professora da educação infantil. Sei que sou uma mediadora, estava escrito em meus sonhos e esta realidade garantiu a continuidade da minha formação com a graduação, na qual com os estudos, conheci disciplinas que me ajudaram muito, hoje tenho mais facilidade de como agir na sala de aula junto aos alunos e seus familiares.

As disciplinas estudadas foram positivas em minha formação: Antropologia da Educação Organização da Educação Brasileira, História da Educação, Psicologia da Educação, Ensino no da Língua Materna, Educação da Matemática, Processo da Alfabetização e Educação Infantil porém pude aprofundar meus conhecimentos de Pensamento Filosófico e Educação, esta disciplina me interessou muito, pois tenho questionando o papel da educação no que se refere à valores essenciais na vida de todo ser humano. Os projetos que também contribuiu muito na minha formação, foram Projeto 02, Projeto 04, Projeto 03 Fase 1 em EAD. Projeto 05 Fase 1.

Varias foram às disciplinas que propuseram encandear a minha aprendizagem, exceto Cultura do Cotidiano Escolar, e Cultura Organizacional. A forma como foi ministradas, seus professores não nos acompanhavam com muita frequência eram muito distante da plataforma, seus textos eram confuso e seus conteúdos não nos apresentava certa atenção. Portanto, aqui estão os registros da minha historia, que sempre estarão guardado em minha memória.

PARTE 2

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar e estudo de pesquisa, cujo tema é Análise da produção textual das turmas dos 3º anos do ensino fundamental em duas escolas municipais de Carinhanha-Ba, surgiu da necessidade de investigar como os professores trabalham o processo de produção textual, com seus alunos.

Desde o início do curso de Pedagogia acompanho as discussões que envolvem os problemas no desenvolvimento da linguagem e esses debates despertaram-me inquietações que problematizei neste estudo, tais como estratégias de ensino e recursos metodológicos utilizados pelos professores.

Piaget e Vygotsky (1995) refletiram sobre o desenvolvimento do pensamento humano e no que diz respeito ao desenvolvimento da estrutura cognitiva da criança, ou seja, o desenvolvimento da capacidade simbólica percebida em suas diferentes formas: a linguagem, o jogo simbólico, a imitação, ou seja, a criança já dispõe de esquemas internalizados, porém ainda lhe falta adquirir a reversibilidade do pensamento retomar o pensamento final ao ponto inicial. Neste estágio, destacam-se ainda o pensamento egocêntrico, em que a criança vê o mundo a partir de sua perspectiva e sequer imagina que possa ter outros pontos de vista.

Neste sentido, apontou (Ferreiro) que o professor precisa considerar as fases pelas quais as crianças passam para poder escrever convencionalmente, a fim de intervir adequadamente e ajudá-las a chegarem à escrita alfabética. Em relação às fases do desenvolvimento da linguagem, temos o pensamento de Piaget que desenvolveu seus estudos com ênfase nos processos de construção do conhecimento, onde classifica a evolução do pensamento infantil por faixas

etárias não descartando a influência do meio em que a criança vive. A realização deste trabalho se justifica pelo grande número de alunos que não se alfabetizam todos os anos apesar de frequentarem a escola, muitos alunos saem do 1º e 2º e chegam ao 3º ano do ensino fundamental sem terem ao menos se apropriado do funcionamento da língua escrita. Sentem dificuldades na leitura e na produção textual, no que tange à organização das ideias, bem como na compreensão das regras básicas do sistema alfabético e suas relações com o sistema ortográfico, entre outras.

A realização deste trabalho se justifica ainda pela oportunidade de aprofundar o conhecimento no Trabalho de Conclusão de Curso sobre esta temática levando-me a seguinte indagação: Como os professores trabalham produção textual com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas, sendo uma urbana e a outra rural no município de Carinhanha-Ba.

A partir deste problema de pesquisa, defini como: objetivo geral deste estudo: analisar a produção textual trabalhada por 3(três) professores com as turmas de 3º ano do ensino fundamental em duas escolas públicas do município de Carinhanha-Ba. Para melhor organizar a investigação, tracei os seguintes, objetivos específicos:

- Identificar e analisar a concepção que os professores têm sobre a produção textual no processo ensino aprendizagem.
- Identificar o tipo de metodologia e estratégias de ensino utilizadas pelos professores nos anos iniciais do ensino fundamental, para trabalhar a produção textual.
- Analisar os textos produzidos pelos alunos das turmas pesquisadas.

Penso que este estudo poderá contribuir com o aprimoramento da minha prática pedagógica como professora alfabetizadora, bem como poderá ampliar a discussão e a reflexão de outros colegas envolvidos com processos de escolarização dos anos iniciais do ensino fundamental, interessados em pensar a aquisição da língua escrita nos anos iniciais do ensino fundamental O objetivo

deste trabalho centra-se no entendimento dos processos de produção textual, tentando visualizar a complexidade do problema do fracasso escolar, no qual os estudos científicos podem auxiliar e orientar programas e políticas governamentais para melhoria da qualidade de educação.

É preciso ter em mente que a alfabetização e o letramento não podem e não devem ser responsabilidade exclusiva do professor alfabetizador, mas de toda a escola, inclusive do gestor escolar. Este deve ter o mínimo de conhecimento sobre o processo de aquisição da escrita e leitura para possibilitar o planejamento e a organização da dinâmica pedagógica que garantam bons resultados. O intuito deste estudo não é de apenas apontar erros e falhas, mas promover uma reflexão, aliás, mais que isso, é uma auto-reflexão sobre a questão. Isto representa o primeiro passo para se debater a qualidade do ensino público e da responsabilidade de toda a comunidade em desvelar os fatores que impedem o acesso dos alunos das camadas populares ao universo da cultura escrita.

Para fundamentar a nossa análise aqui fizemos referência aos estudiosos que vem se dedicando à área de produção textual com, por exemplo: Soares (2011), Cagliari, (1999) Kramer (2010) Lajolo (2002), Ramos (1997), Koch (1999), bem como Ferreiro (2011), Freire (1985), Piaget (2007) e Vigotsk (2007).

Para proceder com a pesquisa de campo que integra o presente estudo optei pela abordagem metodológica qualitativa da pesquisa, de natureza descritiva, pois as características dessa pesquisa têm uma melhor adequação aos objetivos propostos para esse objeto de estudo. Para apreender com maior acuidade os aspectos propostos nos objetivos geral e específicos e ser coerente com a abordagem qualitativa, optei por elaborar como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada.

Para facilitar a leitura deste trabalho organizamos em três capítulos. No capítulo I, abordei o referencial teórico, no qual trabalhei os autores citados anteriormente.

No capítulo II, descrevo a metodologia de pesquisa, com a abordagem qualitativa, especialmente, o contexto, os participantes, os instrumentos de coleta

de dados, os procedimentos de coleta e análise de dados, nos quais focalizamos a descrição das estratégias de ensino utilizadas para melhoria das produções textuais e descrevi, ainda, os critérios elaborados para a correção, com indicadores que serviram ao universo interpretativo das análises.

No capítulo III focalizei a descrição das estratégias de ensino utilizadas para melhoria das produções textuais e descrevi, ainda, os critérios elaborados para a correção, com indicadores que serviram ao universo interpretativo das análises.

E por último, apresentei as considerações finais, incluindo aspectos estruturais e lingüísticos como elementos facilitadores da relação com a produção escrita e fizemos algumas sugestões para melhorar a prática pedagógica do professor.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 PRESSUPOSTOS E TEÓRICOS

Nos últimos anos, as pesquisas e as práticas pedagógicas sobre o ensino da leitura e da escrita estão muito presentes. Isto indica a impossibilidade de conceber o ensino de língua portuguesa somente como um processo de apropriação de um código. A escrita é um sistema da representação da linguagem e, portanto, é preciso compreendê-la em sua multiplicidade de funções e na sua forma de comunicação por meio dos textos orais e escritos. Mais do que nunca o desafio da educação continua sendo formar o aluno como um leitor competente para que possa ler e entender aquilo que está registrado no mundo, nas diferentes situações comunicativas e nas diferentes tarefas de interlocução em que estão inseridos, como cidadãos.

Este desafio implica desenvolver práticas pedagógicas que envolvam a língua escrita, bem como, colocar o aluno diante de situações que envolva compreensões de novas idéias, baseadas em realidades coerentes e de experiências adquiridas. A leitura é um eixo em torno do quais muitos caminhos são delineados, por mais que se busque compreendê-lo mais se percebe (o quão) complexo e diversificado se apresenta. É preciso entendê-lo com base no que é experiência.

Não basta deixar que as crianças falem; apenas o falar o cotidiano e a exposição ao falar alheio não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudos, quer sejam da área de língua portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento. A linguagem tem um importante papel no processo, pois atravessa todas as áreas do conhecimento, mas o contrário também vale: as atividades

relacionadas às diferentes áreas são, por sua vez, fundamental para a realização de aprendizagens de natureza linguística (PCN, 1997, p.50).

No que se refere à linguagem oral, algo similar acontece. O avanço no conhecimento das áreas a fim de tornar possível a compreensão do papel da escola no desenvolvimento da aprendizagem que tem lugar fora dela. Não se trata de ensinar a falar ou a fala “correta”, mas sim a fala adequada ao contexto de uso.

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem do aluno e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que os métodos em si) que tem mais durável e longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros. “Conforme se coloque a relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, e conforme caracterize a ambos, certas práticas aparecerão como “normais ou como aberrantes”. É aqui que a reflexão psicológica necessita se apoiar em reflexão epistemológica. (FERREIRE, 2011 p. 33).

Considerando os estudos de Ferreiro, esses níveis ocorreram de forma real e significativa construir um estudo ou condições de apropriação da escrita e da leitura em vários aspectos: social, cultural, cognitivo, lingüístico, entre outros. Sendo assim, verifica-se a necessidade das crianças vivenciarem situações de leitura e escrita com diferentes pares mesmo sem saber convencionalmente. Percebe-se que os processos de aquisição da língua escrita iniciam-se espontaneamente, a partir do interesse da criança em reproduzir atos de leitura, independente do ensino explícito de regras gramaticais e do domínio dos mecanismos de codificação e decodificação da escrita, permitem que a criança se torne letrado mesmo antes da criança aprender a ler. Dessa forma, desenvolveram-se continuamente, na medida em que as crianças interagem com as práticas de leitura e escrita.

A teoria de Vygotsky destaca - se que foi preciso considerar dois níveis de desenvolvimento da criança: O real e o potencial. Assim, o desenvolvimento real é aquela aprendizagem em que a criança é capaz de fazer sozinha. A zona de desenvolvimento potencial foi referente ao que a criança ainda não soube fazer sozinha, porém ocorrem com mediação de outra pessoa. Dessa forma, constata-se que foi na zona de desenvolvimento proximal que precisou pautar os esforços educativos para o desenvolvimento dessas linguagens:

Para Vygotsky aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã (2007, p.35).

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leituras de fato: é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos recebendo incentivo ajuda de leitores experientes (PCN,1997, p.52).

No que se refere à leitura e escrita este é o grande momento, em que compete ao professor a possibilidade de melhorar a escola e manter dentro dela um clima de liberdade e aprendizado. De acordo com Ferreiro (2001),

as crianças de zonas urbanas estão desde cedo expostas a situações reais de leitura e escrita em que as informações podem vir de três formas: nas embalagens de brinquedos e alimentos etc.; quando se lê para elas uma história; quando participa de atos sociais de leitura e escrita, como por exemplo, a consulta do jornal por parte dos adultos para saber a programação de algum evento cultural (p.100)

Dessas constatações é correto afirmar que “nenhuma criança urbana de 6 ou 7 anos de idade começa o primário com total ignorância da língua escrita” (FERREIRO, 2001, p. 100).

No contexto social das crianças rurais, a escrita não é tão presente, por isso elas estão em desvantagem em relação às urbanas. Diante de tal afirmação, a preocupação maior da pré-escola deveria ser a de proporcionar às crianças, que não vivenciaram práticas de leitura e escrita, o conhecimento de que a língua escrita tem uma função social, que faz parte da cultura. Para isso é preciso fornecer ocasiões em que a criança conquiste essa aprendizagem e prover-lhe o acesso à escrita. Esse fato exige uma intervenção didática centrada na construção de saberes lingüísticos, entre eles a leitura e a escrita. Para que essa intervenção didática ocorra de forma coerente e dinâmica, o professor necessita construir competências para a organização e execução de uma prática pedagógica que se caracterize como um saber-fazer-bem, envolvendo reflexão crítica sobre sua ação.

Cagliari (1999), ao se reportar à competência técnica do alfabetizador, destaca:

Os cursos de formação de professor têm se preocupado muito com outros aspectos da escola, dando muitas vezes um valor indevido aos aspectos pedagógicos, metodológicos e psicológicos. Como educador, o professor precisa ter uma formação geral, e esses conhecimentos são básicos. Como professor alfabetizador precisa ter conhecimentos técnicos sólidos e completos. [...] Para ensinar alguém a ler e escrever, é preciso conhecer profundamente o funcionamento da escrita e da decifração e como a escrita e a fala se relacionam. (CAGLIARI, 1999, p. 130)

O pedagógico escolar, gerenciado e associada a uma formação do coletivo, destaca Kramer (2010, P. 90). É importante perceber que a efetiva formação do professor em serviço se dá por meio do confronto entre reflexão sobre os conhecimentos advindos da sua prática teórica que explicam, questionam, polemizam, indagam e permite melhor compreender essas práticas. A síntese vivida/ estudado substitui assim os grandiosos, porém inócuos eventos, treinamentos, capacitações, reciclagem e estratégias afins, por um processo aparentemente lento e silencioso, porém mais mobilizador, crítico afetivo. Neste processo os profissionais da escola participam coletivamente de reuniões, conselhos e encontros, transformando - os em efetivos espaços de discussão pedagógica, não no sentido normatizador com que os termos estão impregnados, mais sim político e cultural.

Diante das dificuldades encontradas pelas crianças no processo da aprendizagem. Explica (Soares, 1999)

[...] Quanto às dificuldades enfrentadas pela criança nesse processo, se, anteriormente, eram consideradas erros que era preciso corrigir, e para isso os recursos eram, de novo, os exercícios ou “treinos” de imitação, repetição, associação, cópia; hoje, no quadro de uma nova concepção do processo de aquisição do sistema de escrita os erros são considerados construtivos [...]. (SOARES, 1999, p. 53).

Ainda complementa (Soares, 2003).

Nessa perspectiva, o problema da qualidade da alfabetização é enfrentado através de propostas de intervenção que vise atuar sobre esses fatores, tais como mudanças curriculares; substituição de métodos de alfabetização em uso, por outro lado alternativas metodológicas; atribuição ao sistema escolar, de serviços que enfrentem os fatores extra- escolares – alimentação, atendimento à saúde, à higiene.; distribuição de material didático às escolas: programa de formação e aperfeiçoamento de alfabetizadores etc.(p.49)

Desta forma, o professor deve ter esse conhecimento bem construído para definir claramente dos objetivos e as estratégias de ensino que favoreçam a aprendizagem da língua escrita. Só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso do ler e escrever, saber responder a exigências de leituras e de escrita que a sociedade faz continuamente (SOARES, 1998, p. 20).

É importante que os indivíduos compreendam que as condições necessárias para aprender a ler e escrever é a pratica de ambas, o contato com vários gêneros textuais, livros, revistas, jornais rótulos de embalagens, receitas e outros auxilia muito no desempenho de sua aprendizagem. O habito de leitura na família incentiva e contribui bastante para o processo de alfabetização do aluno. Como pode perceber nas famílias que possui determinado grau de escolaridade é que está sempre em contatos com certos tipos de escritos e isso influencia muito no desenvolvimento de escolaridade dos filhos, levando os a ter mais facilidade no desempenho de sua aprendizagem.

Dessa forma explica os PCN (1997)

Enquanto as famílias de pouca ou nenhuma escolaridade que não vive tendo contato direto de leitura e escrita, os filhos já têm mais dificuldade no desenvolvimento. A capacidade de decifrar o escrito e não só a condição para a leitura independente como verdadeiro grito de passagem um saber de grande valor social (p. 28).

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e conseqüentemente, a “formação de escritores”, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática da leitura, espaço de construção da intextualidade e fonte de referencias modalizadora. A leitura por um lado nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever, por

outro lado, contribui para a constituição de modelos: como escreve (PCN, 1997, p. 53)

É sabido que a leitura contribui para aquisição da fala dos educando, está intiga o leitor a um desenvolvimento ativo na construção de significados do texto sendo, ele capaz de compreender a informação que o autor quer passar e desenvolver produtivamente sua criatividade como agente transformador.

Textos que são produzidos para serem compreendidos. Os processos de produção e compreensão por sua vez, se desdobram respectivamente em atividades de fala e escritas, leitura e escuta. Quando se afirma, portanto que a finalidades do ensino da língua portuguesa e a expansão das possibilidades do uso da linguagem, assume-se as capacidades de serem desenvolvidas estão relacionadas as quatro habilidades linguísticas, básicas, falar, escutar , ler e escrever (PCN, 1998, p. 43).

Cada gênero textual tem um grau de exigência distinto do outro, uns simples outros mais complexos, há os que são de mais fáceis compreensões e aqueles que exigem mais atenção e requer mais esforço do leitor, para compreendê-los. Por isso para formar bons leitores e escritores é preciso desenvolver nos alunos a capacidade de ler e compreender o que se ler.

O trabalho de produção de texto também é significativo na formação de escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes PCN (1997, p. 47).

Ao desenvolver a escrita o educando vai compreendendo as características, os objetivos, os diferentes gêneros que cada texto possui, tornando assim uma compreensão ampla da grafia. Em se tratando da prática da leitura e da escrita para formação de cidadãos competentes e aptos no seu processo educativo, em relação ao hábito da leitura e da escrita é importante: produzir textos e permitir que os alunos vivenciem palavras que estavam latentes, que venham á tona desejos, sentimentos, duvidas, certezas e sonhos de toda sorte. Como diz Cagliari. (2008) "às vezes ler é um processo de descoberta, como

a busca do saber científico. Outras vezes requer um trabalho paciente, perseverante, desafiador, semelhante à pesquisa laboratorial”. (p.149)

Nesse processo de construção e efetivação da aprendizagem, é essencial a troca de experiência, de conhecimentos e informações entre os alunos, também permiti compreender que não há processo baseada em perceber e memorizar. E para aprender a ler a e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente. A linguagem, também as contribuições de outras área, como a psicologia da aprendizagem, a psicologia da cultura e as ciências da linguagem. O avanço dessas ciências possibilita receber contribuições tanto da psicolinguística quanto da sociolinguística; tanto da pragmática, da gramática textual, da teoria da comunicação, quando da semiótica, da análise do discurso.

É preciso ter claro também que as propostas didáticas difundidas a partir de 1985, ao enfatizar. O papel da ação e reflexão do aluno no processo alfabetização, não sugere (como parece ter sido entendido por alguns) uma abordagem espontaneísta da alfabetização escola; ao contrário, o conhecimento dos caminhos percorridos pelo aluno favorece a intervenção pedagógica e não a omissão, pois permite ao professor ajustara informação oferecida às condição de interpretação em cada momento do processo permite também considerar os erros cometidos pelo mais eficaz (PCN.p.28)

É um processo construtivo, objetivo e que resulta no sistema linguístico e comunicativo utilizado pelo povo. Entretanto, a sociedade constrói através da sua interação sócio- cultural.

Ainda complementa Brandão (2005).

Assim ler sob a perspectiva de sua dimensão individual, é um conjunto de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicológicos, entendendo-se desde a decodificação de palavras escritas até a capacidade de

compreender textos escritos. Cada palavra tem seu semântico próprio. Serve para introduzir os fonemas cuja recombinação, feita pelo exercício de educador e educandos, alfabetiza. Em ordem crescentes de dificuldade, cada palavra ajuda a que estes resolvam, com a contribuição daquele, as questões que aos poucos esclarecer os mistérios do ler e escrever (p.37).

O processo de ensino/aprendizagem da alfabetização deve ser organizado de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidos numa linguagem real, natural, significativas e vivenciados. A assimilação do código lingüístico não será uma atividade de mãos e dedos, mas sim uma atividade de pensamento, uma forma complexa de construção de relações.

Diante disso afirma Soares (2008):

Diante do assustador fracasso escolar, na área da alfabetização, e considerando as condições atuais de formação do professor alfabetizador, em nosso país, estamos sim, em busca de um método, tenhamos a coragem de afirmá-lo. Mas de um método no conceito verdadeiro desse termo: método que seja o resultado da determinação clara de objetivos definidores dos conceitos, habilidades, atitudes que caracterizam a pessoa alfabetizada numa perspectiva psicológica lingüística e também (e talvez sobre tudo) social e político (SOARES, 2008, p.95).

E nesse sentido que entendemos a possibilidade de “ensinar a pensar” fazendo nossas intervenção pedagógica, um dialogo problematizador que oportunize a utilização das aprendizagens dos aprendizes.

Soares (2008) ressalta ainda que a escola é:

(...) espaço institucional de acesso ao conhecimento, para atender essa demanda, tem o papel de rever as práticas de ensino, que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem

aprendidas “A postura a ser tomada é a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender a partir da diversidade de textos que circulam socialmente (SOARES, 2008, p.95).

Saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas; é preciso letrar-se. De acordo com Ceale (2009), “letramento é o “processo de inserção a cultura escrita, que tem início quando a criança começa a conviver as diferentes manifestações da escrita na sociedade e se amplia por toda a vida com participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Como constata professora Soares (2008), que, há anos, vem se debruçando sobre esse conceito e sua prática.

O alfabetismo, entendido como um estado ou uma condição refere-se não a um único comportamento, mas a um conjunto de comportamentos que se caracterizam por sua variedade e complexidade. Uma análise desses comportamentos permite agrupá-los em duas grandes dimensões: a dimensão individual e a dimensão social. Quando se focaliza a dimensão individual, o alfabetismo é visto como atributo pessoal, referindo-se à posse individual de habilidades de leitura e escrita. Quando ao contrário, se focaliza a dimensão social, o alfabetismo é visto como fenômeno cultural, referindo-se a um conjunto de atividades sociais, que envolvem a língua escrita, e a um conjunto de demandas sociais do uso da língua escrita (SOARES, 2008, p.30).

Para tanto, embora a escrita e sua utilização nos contextos sociais sejam necessários para a interação no cotidiano, o fato de não dominar o código escrito e o uso correto da linguagem é motivo de exclusão para aqueles que não dominam essas competências. Então, cabe, a partir disso, uma reflexão sobre a importância de saber ler e escrever, e mais ainda de tornar-se capaz de

interpretar e construir, no âmbito social, novos conhecimentos a partir do uso da escrita e da leitura, ou seja, estar alfabetizado e letrado.

Segundo Freire (1996, p.47):

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (P.47) Quando um educador ensina um educando ao ensinar ele aprende ainda mais com ele, um aprende com o outro, há uma relação de troca de conhecimento. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p.47)”.

Ensinar os alunos não é só passar o conteúdo, depositar conteúdo neles, e sim deixá-los construir conhecimento, é dar oportunidade para eles, neste momento o professor é um orientador da aprendizagem dos mesmos. É o orientador desse processo contínuo das diversidades da leitura e escrita.

Assim, torna-se claro a diversificação dos textos escritos quando se aprende a ler e a escrever, são utilizados como meios de aprendizagens e fazem com que os alunos alcancem os objetivos propostos pelo professor.

É fundamental que todos os educadores, estejam atentos a ideia de que conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos se faz indispensável para uma aprendizagem efetiva dos seus educandos. Segundo Soares (2001),

Uma pessoa alfabetizada é aquela que sabe ler e escrever apenas, já a pessoa letrada consegue ir além, atende as demandas sociais da leitura e da escrita, por isso consegue fazer uma carta, um bilhete, escritas de sua própria autoria, enfim, produzem gêneros textuais, ao contrário da pessoa alfabetizada que lê textos prontos, a pessoa muda seu lugar na sociedade, até mesmo modo de falar com os outros. O que interessa a esses países é a avaliação do nível de letramento da população, não o índice de alfabetização [...] (p.22).

Essa afirmação de Soares refere-se ao nível de desenvolvimento econômico dos países, visto que nos países desenvolvidos a real importância é o nível de letramento da população, ou seja, dos usos que elas fazem da escrita e do envolvimento das práticas sociais que se referem à leitura e a escrita, pois como o ensino básico é obrigatório, os alunos com certa idade já conseguem ler e escrever e se envolver na produção de gêneros textuais. Já os países que estão em desenvolvimento e que não são desenvolvidos ainda se mede o grau da alfabetização e não o letramento, preocupa-se apenas se o aluno consegue ler e escrever sem analisar o desempenho do aluno na produção dos gêneros textuais e do seu real aproveitamento da leitura e escrita. (CAGLIARI, 2007, p.96). Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização.

É importante refletir que, nessa época, os exercícios de prontidão, era uma mera transmissão de técnica e que era o único método de se ensinava aprender a ler e a escrever.

Ferreiro citada por Valle (2007, p.45,) afirma que:

[...] As crianças passam em níveis conceituais diferentes e seqüenciais no decorrer de sua construção da escrita. [...] Nível pré-silábico – Neste nível a escrita da criança não tem correspondência com o som [...] no final desta fase, começa diferenciar letras de números. Nível silábico – Na sua escrita a criança interpreta a letra à sua maneira, atribuindo o valor de sílaba a cada letra ou frase, escreve somente as vogais ou somente com consoante [...] Nível alfabético – A criança agora consegue ler e expressar graficamente o pensa ou fala, porém escreve foneticamente [...], ainda não consegue que escrever ortograficamente [...].

Aprender a ler é antes de tudo fazer uma leitura de mundo, compreender o contexto de forma significativa, numa dinâmica que vincula linguagem e realidade.

O alfabetismo, entendido como um estado ou uma condição refere-se não a um único comportamento, mas a um conjunto de comportamentos que se caracterizam por sua variedade e complexidade. Uma análise desses comportamentos permite agrupá-los em duas grandes dimensões: a dimensão individual e a dimensão social. Quando se focaliza a dimensão individual, o alfabetismo é visto como atributo pessoal, referindo-se à posse individual de habilidades de leitura e escrita. Quando ao contrário, se focaliza a dimensão social, o alfabetismo é visto como fenômeno cultural, referindo-se a um conjunto de atividades sociais, que envolvem a língua a escrita, e a um conjunto de demandas sociais do uso da língua escrita SOARES (2008,p.30)

Além da característica interdisciplinar da alfabetização, existem os aspectos sociais e políticos que condicionam a aprendizagem da leitura e da escrita. Segundo Soares (1985):

[...] Basta afirmar que o processo de alfabetização, na escola, sofre, talvez mais que qualquer outra aprendizagem escolar, a marca da discriminação em favor das classes sócio-economicamente privilegiadas. A escola valoriza a língua escrita, e censura a língua oral espontânea que se afaste muito daquela; ora, como foi dito anteriormente, a criança das classes privilegiadas, por suas condições de existência, adapta-se mais fácil às expectativas da escola, tanto com relação às funções e usos da língua escrita, quanto em relação ao padrão culto de língua oral [...]. (SOARES, 1985, p. 05).

Embora a escrita e sua utilização nos contextos sociais sejam necessárias para a interação no cotidiano, o fato de não dominar o código escrito e o uso correto da linguagem é motivo de exclusão para aqueles que não dominam essas competências. Então, cabe, a partir disso, uma reflexão sobre a importância de saber ler e escrever, e mais ainda, de tornar-se capaz de interpretar e construir, no âmbito social, novos conhecimentos a partir do uso da escrita e da leitura, ou seja, estar alfabetizado e letrado.

Para Freire (1996, p.43):

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender
Quando um educador ensina um educando ao ensinar ele aprende
ainda mais com ele, um aprende com o outro, há uma relação de troca
de conhecimento. Saber que ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua
construção.

Assim, torna-se claro a diversificação dos tipos de escritas quando se aprende a ler e a escrever, porém são utilizados como meios de aprendizagens e fazem com que os alunos alcancem os objetivos propostos pelo professor.

Um texto não se define por sua extensão. O nome que assim um desenho, a listado que deve ser comprado, um conto ou um romance, todos são textos “pare”, pinta dano asfalto em um cruzamento é um textos cuja extensão é a de uma palavra. o mesmo “pare”, numa lista de palavras começadas com “p”, proposta pelo professor , não é nem um texto nem parte de um texto , pois não se insere em nenhuma situação comunicativa de fato.

Por que a criança deve realmente frequentar a escola? Explica Freire (1996), que ensinar os alunos não é só passar o conteúdo, depositar conteúdo nele, e sim deixá-los construir conhecimento, dar oportunidade para eles, o professor é um orientador na aprendizagem dos mesmos. (FREIRE, 1996, p.47)

Segundo Cagliari (1998)

(...) Os alunos são capazes de enfrentar uma variedade enorme de textos. A restrição co- relação à escrita reside apenas nos casos em que os alunos não sabem decifrar determinadas letras ou conjunto de letras, dificultando ou impossibilitando a leitura. Depois que elas decifram a escritas o texto pode ser qualquer um desde que a criança tenha condições de entender. (p, 221)

Neste sentido, o professor tem uma importante tarefa de propiciar aos seus alunos a diversidades de textos, por que todos têm direito.

Para FERREIRO (1993), as variedades de materiais não são recomendáveis (melhor dizendo indispensável) no meio rural, mas em qualquer lugar onde se realize uma ação alfabetizadora (p.33). Para conceituar a produção de textos é necessário recorrer a certos autores para orientar as nossas reflexões.

O processo de ensino aprendizagem nos anos iniciais depende, fundamentalmente da mediação atuante do docente, ele é quem conduzirá os fios dessa trama, que compõe o currículo escolar, nas mais diversas e diferente áreas do conhecimento. Com o intuito de expor o pressuposto de sua interpretação diz Cagliari (2007, p.23): “O texto é visto como um produto- lógico - do - pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor senão”. “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções. (psicológica) do “produtor, exercendo, assim um papel totalmente passivo”.

Sendo assim, para desenvolver a leitura e a escrita é preciso antes saber observar e analisar o que o aluno já tem conhecimento a fim de efetivar a sua aprendizagem de forma que ele possa compreender e transcrever o que leu. Diante disso complementa (SOARES, 2008, p.108)

Textos “não são mais que uma lista de orações justaposta, sem elementos de coesão que estabelecem a continuidade do discurso”.

Diante das discussões sobre textos. Define os (PCN, 1997.p.25) “Texto é o produto de atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e inacabado por qualquer que seja sua extensão.

Produção “Textual” é um processo dialógico que deve estar contido na escola, também vai além de sua jurisdição. A “prática da escrita e a sua realidade da prática social e suas utilizações nessa realidade” Textos- tecidos tecer palavras. Produção textual é a disciplina (matéria de ensino) de textos reunião de palavras que compõe a língua portuguesa, com auxílio da imaginação (criatividade para formar conjuntos de parágrafos) frases que forma um período e depois um texto completo, que tem um objetivo um todo.

Lajolo em seu livro. No Mundo da Leitura para a leitura do mundo (2002) afirma que. “o Texto literário é objeto do zelo e do culto, razão de ser templo, é o objeto de um nem, sempre discreto, mas, nem sempre incomodo desinteresse” (p.12).

O texto é resultado de uma atividade comunicativa efetiva, das vivências e da compreensão do aprendizado do sujeito, concebido pelo cotidiano escolar e seu meio social.

Partindo do pressuposto, segundo o qual a língua padrão só pode ser internalizada se usada.

[...] é usando que se aprende a usar a língua. O texto falado adquire caráter de explicitação de diferentes etapas de um processo mais geral de produção de textos. [...] a produção de textos, quer falados quer escritos, apresenta um processo comum; o resultado ou *output* do processo é que varia em decorrência da atuação das variáveis distintas. Desse modo, o texto falado explicitaria etapas que, no texto escrito, ficariam implícitas; o texto escrito explicitaria, por sua vez, etapas implícitas do texto falado (RAMOS, 1997, p. 42).

Produzir textos é uma atividade motivadora, ou seja, os usuários elaboram um texto para alcançar algum objetivo que tem em mente

Ainda é complementado no livro, PRÓ-LETRAMENTO, Texto- é, pois a unidade significativa que as competências e habilidades lingüísticas, relacionadas a situações concretas. E, portanto central da organização das atividades e conteúdos que compõe os testes do SAEB e da Provinha Brasil.

Koch & Travaglia (1999,p.10) entendem o texto como:

(...) “uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelo os usuários da língua falante comunicativa, como a unidade de sentido é como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida independentemente da sua extensão”. (p.10)

Neste sentido Koch &Travaglia (1999,p.14) conceituam o texto como: “a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio do texto e que existem diversos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicativos no interior do texto”.

Uma produção textual ao ser escrita deverá antes ser motivada, caracterizada, incondicionada pela imagem que o locutor tem de seu interlocutor. Pois é pensando nele que o aluno adapta o seu discurso, optando pelo melhor objetivo junto aos alunos. Ao apontar a questão nestes termos a produção textual é vista como uma possibilidade de fazer com que o aluno construa o seu discurso em um contexto social para interagir com os outros.

Para tanto, os autores: (Soares,2003), (Cagliari,2007),(Koch & Travaglia,1999) alertam para o fato de que o mundo textual não apresenta somente sentidos presentes nas expressões empregadas no texto de superfície. Também contribui para o estabelecimento do texto em processo cognitivo que envolve o conhecimento partilhado, o senso comum que advém das experiências e das expectativas dos participantes do processo de comunicação.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo descrever a metodologia de pesquisa utilizada neste estudo. Compreender o processo de desenvolvimento da escrita pelas crianças no ensino fundamental tem trazido importantes contribuições para a prática pedagógica do professor desse nível de ensino. Este estudo de pesquisa foi realizado, a partir de uma abordagem qualitativa buscando compreender implicações e finalidades da prática da produção textual dos alunos do 3º ano o ensino fundamental e a prática docente, como afirma Demo (2000, p.12)

O questionamento reconstrutivo e o critério preferencial que engloba a teoria e prática, a qualidade formal, a política, a inovação e a ética [...] o professor precisa manejar a pesquisa como princípio científico e educativo e ter a pesquisa como atitude cotidiana. [...].

Assim, a pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e aproximar o ensino à realidade do aluno. Para Martins (2002, p.23), “a teoria tem uma importante contribuição por fornecer indicativos e referenciais que auxiliem no processo de análise da prática” Nesta perspectiva, Lüdke e André (1986, P.13), “afirmam que “a pesquisa qualitativa está relacionada à técnica de coleta de dados e ao tipo de dado obtido.” Cabe ressaltar que essa abordagem de pesquisa realiza-se de forma flexível, centrada na realidade e contextualizada. O processo de escrita e análise dos textos efetiva-se através de leituras e interpretação das respostas obtidas aos dados que se relaciona aos valores às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Neste estudo utilizei como instrumentos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas e análise dos textos produzidos por um grupo de 15 alunos.

Segundo Minayo. (1996, p. 47, apud, Cortelazzo, 2000.), “a entrevista é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo [...]”. Sendo assim, a entrevista semiestruturada pode ser entendida como; uma linha de campo que instiga o pesquisador a realizar uma pesquisa de maneira mais facilitadora, ao traçar os caminhos, no detectar os problemas fundamentando a pesquisa a fim de alcançar as possíveis soluções.

2.1 CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo de pesquisa foi realizado com três turmas de duas escolas, sendo que duas turmas do turno matutino com 28 alunos, da escola de tempo integral da rede pública municipal, localizada na cidade. A outra turma da Escola municipalizada da zona rural. A turma com o número de 26 alunos no turno vespertino.

A Escola municipalizada A atende a 205 alunos das seguintes modalidades e níveis: educação infantil, ensino fundamental e EJA dos primeiro e segundo segmentos com a média de desenvolvimento de educação básica- IDEB- 4,9.

Esses são de alunos oriundos de famílias de baixa renda onde se encontram a maioria, que sobrevive de programas sociais de governo, por exemplo, bolsa família, a escola funciona com 08 turmas 07 turmas durante o dia, com as séries de 1º ao 3º ano, a noite com a (EJA). Educação de Jovens e Adultos

A escola é de pequeno porte, não há espaço para o lazer das crianças. Nesta escola atuam, ao todo, 26 profissionais, subdivididos em 08 professores, destes, 05 são graduados e 03 em fase de formação nesta Universidade Federal de Brasília UAB/ÚNB. Do grupo de professores atuantes na escola pesquisas, 1 concluiu o ensino médio. A diretora tem curso de graduação, a vice-diretora tem o ensino médio. Já a coordenadora pedagógica é formada em psicopedagogia. As 03 pessoas que integram o grupo de apoio da escola, não concluíram ainda, o ensino médio. Esta escola conta com 4 salas de aula, 01 laboratório de

informática, uma pequena cantina e 02 banheiros em perfeito estado e 04 banheiros com instalações inadequadas. A escola não possui biblioteca, e não dispõe de material suficiente para realizar as atividades pedagógicas. As salas são mal arejadas com infra-estrutura inadequada para o atendimento a inclusão. Os laboratórios ainda não podem ser usados porque os computadores estão desligados devido a queda de energia por conta das instalações mal feitas.

Os documentos norteadores do trabalho pedagógico são, os PCN e a LDB, o PPP o regimento interno que esta em fase de revisão e o estatuto da criança, as atividades pedagógicas são constituídas por meio de planejamentos semanais

Essa escola Otávio Samuel dos Santos possui um pequeno espaço para horta escolar e os teatros que devem ser excitado pelo professor, assim como dança e arte são realizadas na sala de aula.

A segunda escola pesquisada é a Escola municipal Luis Viana Filho localizada na Rua 05 de maio Povoado do Angico Município de Carinhanha-Bahia, com uma clientela de 429 (quatrocentos e vinte e nove) alunos regularmente matriculados da educação infantil à 8ª série ou 9º ano e também com 3 três turmas de ensino médio em um espaço, cedido para o Estado com um número de 62 alunos matriculados legalmente. A escola é uma instituição pública. Com média de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB - 4,6. Essa clientela é de alunos oriundos de famílias carentes, humildes, lavradores, pescadores, desempregados, acometidos por problemas sociais como: alcoolismo, prostituição, drogas, e famílias desestruturadas. A escola tendo espaço de sobra para quaisquer tipos de construção, pois a mesma é situada dentro de um terreno de boa expansão pelo qual é pertencente a prefeitura, que defronta a uma rua de pouca pavimentação.

A Escola trabalha a inclusão dos alunos preocupando coma forma igualitária para todos, preocupando em ouvir um de cada vez, respeitando as diversas diferenças, buscando manter o local educacional um ambiente agradável e atrativo de forma geral. Inclusão é a inserção total e incondicional, que venha

beneficiar a todos e qualquer pessoas que estão insento da sociedade a ser igual ou semelhante aos demais

As condições físicas da escola municipal Luis Viana Filho, possuem (quadra poliesportiva, biblioteca, pátio, jardim). As condições da escola não são das melhores, não possui um número de salas suficientes para atender a todas as demandas, não possui biblioteca, há uma quadra esportiva não é coberto dificultando até mesmo eventos escolares. Uma das vantagens é que a escola possui espaço suficiente para hortas e quaisquer tipo de plantação, porém a dificuldade é quanto o espaço para musicas, teatro e danças por não ter um lugar adequado.

O Laboratório de informática possui 10 (dez) computadores, más infelizmente, não está em condições de uso porque não estar ativo falta de internet o que é um atrativo a mais para o despertar do interesse do alunado.

Existem na escola documentos norteadores das ações da escola, tais como: Regimento, Projeto político-pedagógico (PPP). A gestão escolar luta por um trabalho realmente democrático, pois com a participação em cursos como “Conselho Escolar”, “Pró Gestão” realizados, foi aprendido que, para o desenvolvimento de uma instituição educacional a melhor maneira é trabalhar democraticamente, até mesmo para dividir responsabilidades não ficando com a culpa daquilo que não deu certo. (o que é o trabalho democrático. Aquele que tem a, participação de todos envolvidos com a educação e que trabalham em pro de um bem comum.

A Proposta pedagógico-curricular trabalha com projetos e temas geradores são integrados de acordo os PCNs, e das diretrizes curriculares. Onde prevalece às atividades interdisciplinares juntamente às atividades extracurriculares como, círculo de leituras, pequenos seminários, exposição dos trabalhos de culminância do final de projetos.

Nestes estudos foram entrevistados três professores regentes em sala de aula que trabalham diretamente com os alunos, dois diretores e dois coordenadores das escolas pesquisadas.

Após a coleta de dados com as entrevistas, foi feita uma análise do ponto de vista teórico prática dos resultados e a construção de uma análise a fim de compreender a situação dos alunos, e identificar a visão dos professores a respeito da produção textual de seus alunos.

2.2 PARTICIPANTES DE ESTUDO

QUADRO 1 – Participantes, idade, formação, carga horária e turno que estudam

Participantes de estudo.	03- professores 02 coordenadores 02 diretores
Idade aproximada	35 anos
Área de graduação	02- Psicopedagogo 02-História 02 - pedagogia
Quadro de professores efetivo.	Secretaria de Educação Escolar do Carinhanha- BA
Carga Horário de Trabalho	40 horas
Turmas pesquisadas	03
Turno	02 Turmas- Vespertinas 01-Turma Matutino

2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

QUADRO 2 – Instrumentos de coleta de dados

O processo de análise da produção dos alunos do 3º ano do ensino fundamental	Foi efetivado por meio da leitura dos textos dos alunos e interpretação das respostas obtidas das entrevistas semi-estruturadas que se relacionam aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.
Instrumentos aplicados	Entrevista-eseми-estruturada Provinha Brasil- Questionário- Observação participante Análises dos textos dos alunos

2.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados aconteceu da seguinte forma: a primeira visita aconteceu na, Escola municipalizada Otávio Samuel dos Santos, localizada no Bairro Alto da colina. Esta escola foi escolhida por já existir um contato direto entre as professoras desta escola e devido também a pesquisadora ter sido moradora do Bairro há uns 08 anos atrás.

Dia 14 de novembro visitei a escola com a intenção de apresentar proposta de pesquisa para a direção e as professoras, neste mesmo dia esses profissionais aceitaram a participar da pesquisa e já indicaram as turmas. Pedi nesse mesmo dia a direção os resultados das Provinha Brasil do ano 2011 e o teste da psicogênese das turmas início 2012, das turmas escolhidas. Ela forneceu (a Provinha Brasil) para fazer uma análise rápida, e certificar que deveria continuar a pesquisar o tema escolhido e então levei-as para serem analisadas em minha casa, com mais calma. As visitas subseqüentes aconteceram na Escola Municipalizada Otávio Samuel do Santos, que foram o questionário com dois professores e continuando com mais um professor em outra Escola Municipal da

zona rural já as entrevista semi-estruturadas foram aceitas para serem gravadas, tanto pelo diretor, quanto à coordenadoras más teriam que ser em suas casas, porém a entrevista com a coordenadora fica marcada para dia 10 às 4h00min horas da tarde e com o diretor dia 11 as 7h00min da manhã . As Pesquisas de campo com os professores e as observações de sala de aula, iniciaram-se dia em 14 de novembro e prosseguiu até 11 de Dezembro.

Diante da pesquisa que seria feita, e que era a entrevista com dois professores, nesta escola, tornou a ser um questionário, pois uma das entrevistadas não aceitou ser gravada. Contudo, neste dia não conseguimos fechar a entrevista, fomos interrompidas, quando a secretaria aproximou da diretora dizendo ter alguém ao telefone e desejava falar urgente com a diretora. Neste momento as professoras precisaram sair, para resolver outra coisa pendente sobre o PDE Escolar, (Programa de Desenvolvimento Escolar). Como a entrevista estava marcada com as duas a diretora e a coordenadora, e as mesmas precisavam sair juntas, não deu para continuar. Assim a continuação da entrevista semiestruturada ficou marcada para o dia 29 do mesmo mês.

Dia 27 as 08h00min retorno a escola para aplicar o questionário para as duas professora das turmas do 3º ano, no período vespertino, acontece o questionário com mais uma professora das turmas pesquisadas em outra escola na Zona Rural. Dia 29 retorno à escola para terminar a entrevista com a diretora e a coordenadora que ficou pendente. Continuando, dia 10 de dezembro as 04h00min da tarde fui até a casa da coordenadora fazer a entrevista que teve inicio as 4h15min e o término as 4h30min, uma duração de aproximadamente 15 minutos de gravação. No dia 11 foi à entrevista com o diretor que ficou marcado para às 07h00min da manhã mais ao chegar à casa do entrevistado, o mesmo estava saindo e pediu que esperasse uns 20 minutos, pois precisava socorrer seu irmão, que estava com o carro quebrado na estrada. Diante do imprevisto acontecido a entrevista que estava marcada para 07h00min horas acabou sendo realizada as 8h00min. Com uma duração de 08 minutos e 00, 51 segundos de gravação.

2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O processo de análise da produção textual dos alunos do 3º ano do ensino fundamental foi efetivado por meio da leitura dos textos dos alunos e interpretação das respostas obtidas das entrevistas semi-estruturadas que se relacionam aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas no diário de pesquisa, organizou e sistematizou os dados recolhidos para, em seguida organizar as categorias de análise.

A pesquisa se realizou na escola Municipalizada Otávio Samuel dos Santos que se localiza no Bairro Alto da Colina e na Escola Municipal Luis Viana Filho, situado no povoado de Angico.

Será feita uma análise do ponto de vista teórico prática dos resultados e a construção de uma análise a fim de compreender a situação dos alunos, e identificar a visão dos professores a respeito da produção textual de seus alunos. Para facilitar o tratamento dos dados, as referidas docentes, foram organizadas por categorias, 1, 2, 3.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar, discutir e analisar os dados empíricos recolhidos em campo, articulados ao objetivo geral do presente estudo, promovendo uma interlocução ou diálogo com os autores que fundamentam teoricamente este trabalho.

3.1 DOS PROFESSORES:

A formação profissional das são as seguintes.

Professor 1: respondeu. É uma construção de texto pelo fazer imaginar.

Professor 2: expressar suas fantasia e opiniões tudo que o aluno consegue expressar sozinha.

Professor 3: entende por produção textual a escrita em que o aluno expõe sozinho expressando algo.

Professoras que participaram da pesquisa se constitui da seguinte forma: ambas fizeram o curso de magistério do antigo 2º grau e o ensino superior, sendo que o sujeito-1, fez o curso de Historia e o professor -2- e 3 fez eram Pedagogia. Se fosse levar em consideração apenas esses dados poderíamos dizer que as professoras estão preparadas para atuar em sala de aula, mas na entrevista foi perguntado as professoras o que elas pensam sobre a produção textual suas respostas

Para os professores 1 e 2, produção textual é concebida com mais clareza. Já na fala do professor 3, parece não ter tanta clareza assim. No entanto, a produção textual é vista como a interação do sujeito ao meio social.

Para que haja textos é preciso haver coerência e dialógica entre o enunciado presente e os enunciados passados dos gêneros discursivos que esta sendo re-atualizado. Isso não quer dizer que os gêneros são formas fixas que impedem a mudanças. Se os gêneros são engendrados nas situações sociais e se as situações sociais são complexas RAMOS, 1997, p.42)

Na compreensão do professor 3, a produção textual se aproxima da afirmação de Ferreiro, (2011.p 44) quando ela nos diz que “a escrita não é um produto escolar, mais sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade.

Já no segundo questionamento, quando perguntei, de que forma elas estavam vocês tem ensinado seus alunos a produzirem textos escritos: as docentes responderam:

Professores 1: Visando à imaginação deles pedindo para inventarem histórias e escreva- os contando como foi o seu dia, em cima dessas, também aproveito para verificar suas grafias e os erros ortográficos.

Professor 2: Deixando bem claro para os alunos que tipo de texto iremos produzir sua função, seu objetivo, para que e porque, individual ou coletivo, muitas das vezes os alunos não têm segurança em escrever frases ou textos, mostro para eles que os erros nos ensinam e só sabermos produzir textos se tentarem. Trabalho diversos tipos de gêneros características e finalidades. E o incentivo que é mais importante.

Professor 3: Após as leituras conto recantos faço debate coletivo sobre a leitura de perguntas e respostas para aguçar-los o desejo de ler e escrever, uma boa explanação previa das leituras.

Diante das respostas das professoras entrevistadas é possível observar que na fala do professor- 1, a forma como tem ensinado seus alunos a produzirem textos demonstra que os alunos não são instigados a produzirem textos de forma coerente. Já na resposta das professoras 2 e 3 apontam dados

relevantes que instigam os alunos na produção de textos escritos. “Para FERREIRO (2011, P.58), aqueles que conhecem a função social da escrita dão-lhe forma explícita e existência objetiva através de ações interindividuais”.

Quando ambas as professoras foram questionadas perguntadas, Se lhe perguntassem o que é leitura e o que é escrita o que você diria?

Professor 1: A leitura é um ato de conhecimento ,pois significa perceber e compreender as relações existente na sociedade. A escrita é um processo que auxilia tanto na aprendizagem do vocabulário como na organização e coerência a idéias do individuo que anuncia.

Professor 2: Leitura é a compreensão da escrita, ou seja dos desenhos imagens e do signos, escrita é a exposição do compreendido da escrita.

Professor 3: Leitura é uma maneira onde é possível viajar junto com a imaginação adquirida, mais conhecimento, E a escrita é uma forma de por em pratica o conhecimento adquirido.

Vejo que, diante das respostas das professoras entrevistadas, ambas tem conhecimentos sobre o processo de leitura e escrita. Acreditamos que o professor deve ter esse conhecimento bem construído para definir claramente os objetivos e as estratégias de ensino que favoreçam a aprendizagem da língua escrita.

Martins (1994, p.29) faz o seguinte comentário sobre o ato de ler;

[...] incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura critica, apontando alternativos. “A leitura consegue unir fantasia e entendimento á variados estilos de conhecimento, e se realizada com interesse qualitativo leva o indivíduos analises da realidade com responsabilidades de comparações entre a teoria e a prática e possíveis idéias de melhoria no contexto em que o individuo esteja inserido .

Quando questionadas sobre sua a opinião, em que tipo de leitura estimula o gosto pelas escritas dos seus alunos? As mesmas responderam:

Professor 1: Aquela mencionada de forma espontânea, dessa mesma forma procede a escrita.

Professor 2: Leitura ainda é a forma mais viável e produtiva que se pode considerar nessa contemporaneidade o maior potencializador para o estímulo da escrita,

Professor 3: Sim, pois o sujeito leitor busca pequenos detalhes do seu mundo, o porquê e a lógica do que lê sendo fundamental para possibilitar a formação.

Diante das respostas das professoras, percebe-se que ambas as professoras tem conhecimentos leitura como pratica estimuladora do gosto da escrita dos alunos. Qualquer que seja a objetivo de uma leitura, ele sempre vai envolver essas estratégias de ensino (quais), mas é importante levar em consideração que ninguém vai ler algo com intenção, se não vê uma utilidade nessa leitura, pois lemos e escrevemos sempre para atender uma necessidade especial.

Formar leitores é algo que requer, portanto condições favoráveis para pratica de leitura que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros de demais materiais impresso é o aspectos mais determinante para o a desenvolvimento da pratica e o do gosto pela leitura. (PCN,1997.p 58).

Quando lhes perguntei, para os alunos que estão em atraso escolar, é difícil ensiná-los a produzir textos? Por quê? Todas disseram que sim.

Professor 1: Após a explicação dos conteúdos, como os alunos que apresentam dificuldades como; identificar palavras, mas decodifica ou gagueja.

Professor 2: Organização das idéias, os alunos estão sempre errando a posição correta das frases ou parágrafo.

Professor 3: Em casos como alunos que não domina a escrita ainda, lêem mais não escrevem.

Todas as professoras responderam que sim, mas no momento que esclarecer o porquê? Suas respostas foram muito confusas, em vez de colocar suas dificuldades, apontam somente a dos alunos estudantes e nada justifica sua resposta.

Numa “perspectiva psicogenética, os” erros” cometidos pelo alfabetizando são indicadores do processo através do qual ele está descobrindo e construindo as correspondências entre o sistema do fonólogo e o ortográfico (SOARES, 2008, p102).

E quando questionamos qual era o melhor momento para o professor trabalhar produções textuais com seus alunos? Elas responderam que

Professor 1: Assim que os mesmos dão entrada na escola, que estão com a mente descansada e boa para produzir

Professor 2: No momento em que a professora perceber que o aluno necessita, deve intervir, por meio do lúdico e introduzir diversas metodologia.

Professor 3: No momento do lúdico, com ajuda de jogos, Brincadeiras e teatrinhos e dinâmicas em sala de aula.

Verifica-se que nas respostas das professoras, todas compreendem quando pode iniciar o trabalho de produção com os alunos. Contudo, ainda senti que na fala do professor 1 soou duvida em sua resposta . Por que sabemos para

que os alunos comecem a escrever sobre algo elas devem ser estimuladas. Neste sentido cabe aos professores dá oportunidades a seus alunos de interagirem significativamente.

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Quando um educador ensina um educando ao ensinar ele aprende ainda mais com ele, um aprende com o outro, há uma relação de troca de conhecimento. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.43).

Na sequência das perguntas foram questionadas, Como se sentiam ao ler as produções escritas dos seus alunos.

Professor 1: Há casos emocionantes quando a gente pega um texto produzido por um aluno onde o mesmo consegue grafar algumas linhas, com erros ortográficos mas que tem coerência e liberdade de expressão do que queria dizer, em outros pontos me dói quando o aluno passa o ano todo com a gente, mas não conseguem chegar Coordenador a fase silábica alfabética. E muito triste.

Professor 2: Um imenso sentimento de realização ao ver que eu ensinei e teve um bom desenvolvimento.

Professor 3: Motivada a seguir em frente, porque enfrento os desafios e busco orientar aqueles que apresentam maior dificuldades, pois a leitura e a escrita na escola nunca devem ser o fim e sim um meio de expressão e comunicação. Bem ao ver que meus alunos deram resultados positivos.

Em relação às respostas das entrevistadas, percebe-se que são bem distintas uma das outras, como sentem bem ao ver as produções de seus alunos e que tiveram resultados positivos. Esta foi à resposta de todas, mas a resposta da professora 1 é mais positiva e pela qual apresenta sentimentos ao ver que seu aluno passar tanto tempo na escola e não consegue aprender. Visto que neste

processo a culpa não é só do aluno, as crianças a integrarem-se ao mundo letrado, passam por conceituar simples informações fornecidas pelo meio.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza m trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, dos seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo, o que sabe sobre a língua: característica do gênero do portador, do sistema da escrita. (PCN,1997,p. 53).

Na ultima pergunta, as professoras foram questionadas, Vocês gostam de produzir textos?

Professor 1: Sim, pois é o momento de expor nossas idéias, sentimentos e emoções no cotidiano das nossas vidas.

Professor 2: Sim, porque posso colocar meu conhecimento em prática e melhorar a cada dia.

Professor 3: Não, porém não fui incentivada a produzir textos em minha época do colegial, ou seja, em minha infância.

As entrevistadas 1, 2 disseram gostar de produzir textos. Percebe-se como sentem bem ao ver que seus alunos deram resultados positivos nos textos, somente a entrevistada 3 disse que não por, conta de não ter sido incentivado em seu inicio de escolaridade.

Diante de sua resposta acredito como pode ser difícil para essa professora instigar seus alunos a gostarem de produzir textos se a mesma não tem essa habilidade desenvolvida. Pois seu primeiro passo diante do trabalho com os alunos é ter preocupação, em primeiro lugar como influenciar os alunos adentrar ao mundo da escrita.

Por outro lado a professora 3 geralmente faz cursos de formação continuada o que pode facilitar o desenvolvimento dessa habilidade para que trabalhe com seus alunos.Fundamentalmente, é importante perceber que a

efetiva formação do professor em serviço dá-se por meio do confronto entre reflexão sobre os conhecimentos advindos da sua prática teórica que explicam, questionam, polemizam, indagam e permite melhor compreender essas práticas. A síntese vivida/ estudado substitui assim os grandiosos, porém inócuos eventos, treinamentos, capacitações, reciclagem e estratégias afins, por um processo aparentemente lento e silencioso, porém mais mobilizador, crítico afetivo. Neste processo os profissionais participam coletivamente de reuniões conselhos e encontros, transformando - os em efetivos espaços de discussão pedagógica, não no sentido normatizado com que os termos estão impregnados, mais sim político cultural (Kramer, 2010, p.90)

3.2 DOS COORDENADORES

As entrevistas com as coordenadoras não aconteceram como foram previstas. A coordenadora 2 recusou ser entrevistada. Assim, entreguei as questões para serem respondidas no tempo em que tivesse em disposição. Já a coordenadora 1 que se dispôs a entrevista gravada, marcamos dia e horário, onde aconteceu dia 10 de dezembro de 2012 as 16h00 em sua residência.

O roteiro da entrevista contou com 14 questões, com a intenção de verificar o ponto de vista das coordenadoras em relação a proposta pedagógica da escola.

Quando as coordenadoras foram entrevistadas, perguntamos se em sua instituição possui proposta pedagógica, em relação a leitura e escrita. Todas responderam que sim.

No processo de construção da leitura e da escrita na educação com alunos de 08 anos de idade, apresentam o processo da linguagem.

Coordenador 1: O processo de construção de leitura e escrita acontece de forma dinâmica e processual em que os alunos sempre realizam leituras diversificadas e contextualizadas durante as atividades propostas em sala de aula.

Coordenador 2: Nesse processo de construção a leitura e a escrita dos alunos são vistas simplesmente como produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor.

É possível observar que as entrevistadas divergem uma da outra. O coordenador 1 mostra que na proposta pedagógica da escola sempre realizam leituras diversificadas e contextualizadas. Enquanto o coordenador 2 diz que esse processo em sua escola é um produto de decodificação de um emissor decodificado pelo leitor. Isso justifica que as coordenadoras não têm a mesma compreensão

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quando um educador ensina um educando ao ensinar ele aprende ainda mais com ele, um aprende com o outro, há uma relação de troca de conhecimento. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p.47).

Quando foram perguntadas sobre os conteúdos propostos por vocês para a sala de aula eram significativos para seus alunos. Sim,

Coordenador 1: Pois a proposta de trabalho é sugerida com todos os professores nas reuniões de planejamento sempre levando em conta o ritmo de aprendizagem de cada um.

Coordenador 2: Trabalhamos com textos diversos, principalmente aqueles ligados a realidade dos alunos o seu ambiente e o meio social.

Quando se refere aos conteúdos propostos pelas coordenadoras em suas escolas, ambas representam quase a mesma ideia. Diante da fala da coordenadora 2 fica limitada. Porque o trabalho pedagógico é constituído por uma equipe escolar.

Que proposta você considera adequada ao nível de desenvolvimento dos alunos no 3º ano em processo de alfabetização?

Coordenador 1: Proposta que estimule o desenvolvimento de suas competências de leituras e escritas de forma contextualizada apropriando do seu desenvolvimento cognitivo social e cultural, isso é visando à produção de texto.

Coordenador 2: Uma proposta que seja adequada ao nível de aprendizagem desses alunos e que realmente eles venham aprender.

Diante das respostas das entrevistadas percebe-se que são bem distintas uma da outra. Que representa um desafio alcançável para os alunos, quer dizer que leve em conta suas competência atuais e as façam avançar com ajuda necessária: portanto, que permite criar zona de desenvolvimento proximal positiva e intervir?

Coordenador 1: Valorizando os conhecimentos adquiridos e estimulando a buscarem e ir além do que eles já conseguem fazer. Através de metodologias diversificadas e acompanhamento dos alunos para que através desse acompanhamento com o professor juntamente com o aluno é que ele vai aprender aquilo que ele ainda não sabe. Então a zona proximal parte do professor interagir junto ao aluno nas atividades diversificadas.

Coordenador 2: Não respondeu.

No momento do questionamento das coordenadoras só a coordenadora1 respondeu e a mesma apresenta ter conhecimento do trabalho voltado para o significado que anteceda o trabalho lingüísticos, a relação a conteúdo escola, na historia da vida do aluno para que se torne uma aprendizagem significativa.

Na sua concepção, qual o melhor momento para dar inicio os trabalhos de produção de texto com os alunos do 3º ano.

Coordenador 1: Desde quando iniciar o processo de alfabetização, o melhor é ele começar desde a educação infantil elas podem construir seu texto interpretando o seu mundo pela oralidade sua escrita e aí vai seguindo até chegar ao 3º ano.

Coordenador 2: Não respondeu.

Que e promova uma atitude favorável, quer dizer, que os alunos que sejam motivados em relação à construção da leitura e produção?

Coordenador 1: É o princípio dos atores e um tipo de estímulo que leva a estimular o aluno, o professor desenvolver diretamente, com ele, essa parte de trabalhar gêneros literários, no caso do professor ser ele é o mediador da aprendizagem do aluno, então esse é que deve fazer esta mediação, fazer com que o aluno ler e interpreta.

Coordenador 2: Esse é o processo principal que devemos iniciar a nossa oralidade de forma dinâmica para socializar as crianças, e assim continuamos com uma maneira de interagirmos no mundo da leitura e escritas, nas diversidades e contextualização durante as atividades de rotinas.

Nesta questão as respostas da professora estão em consonância. E as mesmas mencionam que o estímulo deve estar em primeiro lugar na construção e apropriação da leitura e produção dos alunos.

Quem estimula a auto-estima dos alunos à aprendizagem que se propõem isto quer dizer que os alunos possam apropriar de linguagem oral e escrita e que seu esforço valeu à pena?

Coordenador 1: Os Textos diversificados são ótimas propostas para os alunos, aqueles com imagens de acordo sua realidade, como havia falado anteriormente, diversos gêneros textuais, parlendas, isso incentiva o aluno rever sua realidade.

Coordenador 2: O professor alfabetizador com suas expansões de capacidade de dialogar, criando atividades de reflexão sobre línguas em diferentes potencialidades.

Ambas as coordenadoras, quando foram perguntadas quem estimula a auto-estima dos alunos para que possam se apropriarem de língua escrita. As mesmas deram respostas parecidas, Saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas.

‘Se o objetivo é formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia, que tenham condições de assumir a palavra - por escrito para produzir textos adequados, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimente e aprendam isso na escola’ (PCN,1997.,P.68).

Que proposta ajudaria as crianças adquirir habilidades relacionadas a leitura e a escrita, que lhe permitam ser cada vez mais autônomo em suas aprendizagens.

Coordenador 1: Veja positivamente, pois eles são incentivados sempre a produzirem texto, sempre aplicamos de forma a diagnóstica para saber, e com isso vejo alguns avanços, não todos os alunos, nesta aplicação diagnóstica é sempre a cada bimestre, e sempre aplicada para verificar o aprendizado do aluno.

Coordenador 2: Trabalhamos com textos diversos, principalmente aqueles ligados a realidade dos alunos o seu ambiente e o meio social.

Caracterize o grau de participação dos alunos nas atividades em sala de aula:

Coordenador 1: O grau de participação nas atividades é bastante informação a respeito do que vai ser transmitido aos alunos e propor atividades de textos que a parti de imagens, e leituras da mesma que transmite a realidade do aluno e essa ajude na escrita vai orientar, vejo que vai haver avanço nesta parte.

Coordenador 2: Diante das atividades que lhe Chame atenção vejo o entusiasmo de todos ao desenvolverem as questão principalmente se esta for feita em grupo.

Quando as coordenadoras foram questionadas sobre o grau de participação dos alunos nas atividades em sala de aula. Uma das coordenadoras diz: O grau de participação nas atividades é bastante informação a respeito do que vai ser ensinado aos alunos, se vai haver avanço nesta parte. O argumento da outra consiste em afirma que, diante das atividades que lhe Chame atenção vejo o entusiasmo de todos ao desenvolverem as questão principalmente se esta for ou feita em grupo.

Em sua opinião os conteúdos proposto por vocês em sala de aula são significativos para seus alunos. Sim,

Coordenador 1: Pois a proposta de trabalho é sugerida com todos os professores nas reuniões de planejamento sempre levando em conta o ritmo de aprendizagem de cada um.

Coordenador 2: Trabalhamos com textos diversos, principalmente aquele ligado a realidade dos alunos o seu ambiente e o meio social.

Diante da fala de uma das coordenadoras, percebe-se que ela acredita que, através do planejamento é possível verificar se a aula teve êxito, enquanto a outra propõe que os com textos diversos, principalmente aquele ligado a realidade dos alunos o seu ambiente e o meio social esse pensamentos mostra que a condição das coordenadoras confundem planejamento com a avaliação.

Como você vê hoje os prova Brasil aplicado em sala de aula.

Coordenador 1: Vejo que é ótima esta aplicando essa prova, pois a partir dela podemos ver o desenvolvimento dos alunos.

Coordenador 2: Ótima, a Provinha Brasil veio para nos orientarmos melhor a respeito da avaliação que fazíamos das nossas crianças a respeito da sua aprendizagem, e assim propor aos educadores um novo olhar nas nossas avaliações.

Nas respostas das duas entrevistadas percebe-se que ambas afirmam achar ótima a aplicação da prova Brasil. Dessa forma como afirmam que a atividade diagnóstica são instrumentos que ajudam na no planejamento escolar.

Quais das situações seriam mais estratégicas para da início a escolarização no momento com a produção de texto?

Coordenador 1: A produção de texto é imprescindível porque é a partir daí que acredito que o aluno deve estar alfabetizado e a partir daí o professor vai mediar e chegando a essa fase o aluno possa estar lendo e escrevendo. Por tudo há essa fragmentação em que o aluno escreve e não ler, e outros ler e não interpretam.

Coordenador 2: Desde o início da sua alfabetização.

Já na entrevista com as coordenadoras das escolas pesquisadas, quando foram entrevistadas. Na sua área, você como coordenadora a que é para você uma produção textual? Elas responderam.

Coordenador 1: É tudo aquilo que parte da realidade é também trabalhar a convivência na escola ou mesmo o que traz com ele, o

professor será o mediador dessa aprendizagem é tudo o que parte de dentro pra fora ou de fora pra dentro.

Coordenador 2: É tudo que o aluno consegue expor em sua construção em que o leitor ler encontrando sentido do que o autor deseja passar na sua mensagem. Nas respostas das entrevistadas percebe-se ter conhecimento real do assunto abordado. Para que o aluno passa produzir um bom texto esse antes deve ser motivado. Pois a produção textual em termos é vista como uma possibilidade de fazer com que o aluno construa o seu discurso em um contexto social para interagir com o outro.

3.3 DOS DIRETORES

As entrevistas com os diretores não aconteceu também como de fato deveria ter acontecido a diretora 2 recusou ser entrevistada. Assim entreguei as questões pra serem respondida no tempo em que tivesse em disposição. Já o diretor 1 que se dispôs a entrevista gravada, aconteceu dia 11 de Dezembro, 2012 . As 16h00 em sua residência.

A entrevista contou com 14 questões, foram utilizadas novamente na tentativa de verificar o ponto de vista dos diretores em relação à concepção do trabalho pedagógico da escola.

Diante das entrevistas estabeleceu-se um dialogo a partir das questões norteadoras que evidenciou a percepção dos diretores como percebe na primeira questão, quando se pergunta os diretores. Qual a concepção de infância adotada por esta escola?

Alisson: A escola preocupa em trabalhar adequando seqüência naquilo que acriança já trás de casa no seu dia - dia no cotidiano prevalecendo também a nossa cultura na infância torcendo pela realidade do aluno.

Ismael: É vivenciar a fase da vida em que a criança perpassa por varias situações aonde vem adquirindo experiência, tanto no âmbito familiar como escolar.

Pode analisar que os diretores deferem à concepção de infância que se adota, nas duas escolas tem o mesmo sentido, que a forma de trabalho é importante considerar a vivencia do aluno e tudo aquilo que trazem como experiência do âmbito familiar.

Como tem sido feito a concepção pedagógica voltada para a leitura e a produção textual dos seus alunos?

Alisson: Primeiro passo é fazer com que os alunos gostem de leitura, isso o professor busca maneiras através de projetos culminâncias e leituras mais vejo que não é suficiente para conquistar o gosto para com o aluno.

Ismael: Em ambas as ações projetadas do PDE, ou seja, a dotadando a pratica de oficinas de leituras e escritas /visual.

O Alisson tem consciência, da dinâmica das relações existente na sala de aula pode significar um fator determinante no processo de ensino aprendizagem. O professor necessita de conhecimentos teóricos sobre a dinâmica de sala de aula para realizar uma prática educativa, que leve em consideração as necessidades dos alunos, possibilitando trocas sócio-afetivas.

E o perfil do profissional que trabalha nessa área Em sua opinião?

Quando foi perguntado na entrevista como seria o perfil do profissional que trabalha nesta área os mesmo respondeu:

Alisson: O professor que se engaja com essa preocupação e primeiramente tem que ter carisma com a criança e gosto pela leitura é

não aquele de deva transmitir algo, na cuja ele não gosta de fazer, se não o gosta não vai transmitir algo que possa influenciar os nossos alunos.

Ismael: Aquele comprometido com as proposta pedagógica da escola visando melhoria do ensino/aprendizagem do aluno e da instituição.

Diante da resposta apresentado ambos concordaram, quando diz que o profissional tem que identificar com o trabalho que realiza e gostar das crianças. Essa resposta caracteriza a visão acerca da realidade do professor das classes de alfabetização que são considerados responsáveis pelo fracasso do ensino da língua escrita.

Em sua opinião como o espaço deve ser organizado para os alunos de 8anos de idade?

Alisson: De acordo com o que contribua para o bom andamento e desempenho do alunado. Isso dentro das possibilidades físico-pedagógicas da escola.

Ismael: O espaço escolar tem que ser amplo e não só a sala de aula, o aluno precisa de espaço para brincadeiras esporte, biblioteca, que vem favorecer em suas necessidades educacionais e para se ter esse espaço viável dentro da escola tem que ser pensado antes da sua construção, e lembrar que a escola é do aluno e não do profissional.

Tanto Alisson como Ismael confirma, que este espaço tem que ser dentro das possibilidades pedagógica da escola, que venha favorecer as necessidades educacionais.

A sala de aula como um espaço social, se constitui de situações propícias para as interações entre os seus membros e que favorecem o desenvolvimento sócio-cognitivo, entre outros. O professor deve proporcionar ao educando um contexto de sala de aula que aperfeiçoe a construção de conhecimento e ao mesmo tempo em que promove um ambiente de trocas mútuas. O educando, que

enfrenta problemas de relacionamento com outros membros de seu grupo de sala de aula, poderá ter problemas para se relacionar com o saber. A afetividade bem consolidada permite ao educando um relacionamento seguro com o outro e com o mundo.

E espaço de sua escola, você considera que é apropriado para os alunos conforme garante a lei?

Alisson: Ainda não, mas estamos empenhando ao Máximo, utilizando de recursos tecnológicos, tanto para educando, quanto para os alunos.

Ismael: Não posso dizer se é bem indicado por lei, mas obedeco às ordens da secretaria de educação, e os programas que existem que trabalhamos com os alunos são mais educação, pdde e horta escolar.

Na resposta dos diretores confirmam que suas escolas não estão apropriadas totalmente para o trabalho como garante as leis, mas estão empenhando para melhorar o espaço do ambiente escolar.

Diante de algo que lhe causa angústia, e que tem pretensão de melhorar na qualidade de ensino dos seus alunos, o que ainda pensa em fazer por eles?

Alisson: Como o aluno precisa e quer está inovando, para nós profissionais uma das preocupações que devemos ir além, é sobre as tecnologias, o aluno hoje **quer** extrapolar e quando não tem esse desejo na escola aí ele vai buscar fora da escola aí fica a condução da evasão

Ismael: Aprimorar a oferta de recursos tecnológicos, tanto para educador, quanto para os alunos.

Percebe-se que diante da fala dos entrevistados que os mesmos têm pretensão de favorecer melhoria na qualidade do ensino e no crescimento da instituição.

As relações afetivas não se dão apenas na convivência professor e aluno, mas também na relação aluno-aluno e equipe. A interação com seus pares favorecem a socialização, aumentando o clima de respeito e solidariedade e, conseqüentemente, a segurança da criança para expressar suas idéias. As trocas mútuas entre os alunos favorecem o processo de aprendizagem. O desenvolvimento intelectual não se isola de outras áreas do conhecimento humano, porém envolve também os múltiplos aspectos de seu desenvolvimento.

Na sua escola trabalha com algum programa adotado Por lei?

Alisson: Sim, PDE, PDDE, Mais Educação

O que você acha desse programa perante os trabalhos feito com seu alunos?

Alisson: O programa depende muito dos profissionais, e de como vão ser trabalha, pois esses programas são benéficos.

Ismael: Não respondeu, ainda não funciona na escola.

De acordo, com as resposta do Ismael, os trabalho de programas, pde, pdde e o mais educação tem ajudado a transformação da escola e o aprendizado dos alunos. Pois todo planejamento escolar, vem das propostas criada dentro desses projetos para o melhor andamento da instituição escolar.

Depois deste programa apresentado e executado em sua escola que conclusão você chegou?

Alisson: É gratificante você ouvir palavras positivas diante do aluno e isso acontece sempre o programa trás inovações, inovações trás o querer de está permanecendo na escola isto é uns dos pontos positivo.

Ismael: Não respondeu.

Diante dessa declaração feita pelo Alisson é possível perceber a interação sócio-efetiva entre professor e aluno e esta amizade intervém duplamente o processo de ensino aprendizagem.

Você como diretor da escola como se sente ao observar cada produção de texto feito pelos alunos quando chega a suas mãos como um tipo de comunicação?

Alisson: É gratificante e emocionante e ainda quero ver melhor, a educação e aprendizagem não tem fim, então o educador que se acomoda com aquilo que está vivenciando ele não quer um maior desempenho para seu trabalho e seu aluno.

Ismael: É importante quando as resposta daquilo que sempre almejamos chega a nossas mãos, é fato que os nossos projetos começam a dá certo.

Observando a resposta dos diretores percebe-se a motivação que os mesmo tem para com os trabalhos escolares, em linhas gerais que dêem bons resultados, e que conseqüentemente as mudanças ocorram.

Como você classifica a qualidade da Provinha Brasil?

Alisson: Excelente, porque é a maneira de avaliar os alunos e avaliar também os profissionais, que temos, então só vejo pontos positivo diante da provinha Brasil.

Ismael: A provinha é classificada com forma de avaliar a qualidade de educação dos alunos e também como estão sendo desenvolvida pelos próprios professores, assim ela tem a função de medi duas competências, o ensinar e o aprender.

Alisson e Ismael afirmaram que, a qualidade da Provinha Brasil é excelente e que a mesma tem o objetivo de avaliar e medir competências, tanto do aluno quanto dos profissionais da educação, diante de suas respostas nota-se que ambos tem consolidado a qualidade da Provinha Brasil.

Tal como acontece com os testes do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, Os da Prova Brasil avaliam determinadas habilidades e ajudam a identificar fragilidades no sistema educacional. No caso da prova Brasil, o resultado, quase censitário amplia a gama de informação que subsidiarão a adoção de medidas que superem as deficiências detectadas em cada escola avaliada. SEAB (2009, p.08)

Diante das análises dos textos realizadas com professores diretores coordenadores, acerca do conteúdo abordado, nota-se que os mesmos têm conhecimento e práticas diferenciadas, diante disso percebe-se que o processo da linguagem e da escrita ambos requer compreensão e entendimento.

Ao discutirmos a leitura reservamos atenção especial ao fato de compreender o objeto lido. Muito se sabe da deficiência em compreender os textos visuais e escritos que estão a nossa volta. O professor busca conhecimento em sua formação. Visando diminuir o abismo entre a leitura e a escrita. No entanto para haver compreensão um texto precisa ser observado através da linguagem, ser linguisticamente interpretado e mediato. Ezequiel Theodoro da Silva (1991, p. 69) comenta: “[...] a existência humana se manifesta, se concretiza através da linguagem”. Mas a base antológica- existência da linguagem é o discurso, ou seja, o “encontro” homem/mundo articulado e expresso através de símbolo.

Vale ressaltar que as respostas das professoras mediante a entrevista, possuem de certa forma uma ligação umas com as outras, em pelo menos um dos aspectos, as quais todas falam sobre a importância da produção escrita, na preparação do aluno para garantir uma aprendizagem prioritária e menos dificultosa, nesse processo de construção do conhecimento, é fundamental trabalhar essas rotinas na sala de aula, pois os alunos enquanto seres em

constantes transformações nesse universo, vão formando por meio das reflexões dos autores constituídos para encontrar possíveis respostas.

E diante da pergunta, encontrei na maior certeza de que realmente o processo de Produção textual nas turmas do 3º ano vem sendo desencadeado por nós professores para que tenhamos uma visão ampla e clara que se não fizermos algo para e pelo aluno nunca podemos conhecer o seu potencial.

Sendo assim, considerou-se de extrema importância que o professor, diretor, coordenador dos anos iniciais precisou repensar e compreender como deu-se o processo de construção da leitura e escrita com crianças dessa faixa etária, para que, por meio de atividades lúdicas as crianças criem oportunidades de desenvolvimento dessas linguagens, afim de estimularem a curiosidade, a espontaneidade.

Cabe ressaltar, que procurei induzir a pensar com o senso crítico, o que permitiu a concretização desta pesquisa. Assim, ao abordar o processo de construção da produção e escrita na Educação Inicial percebeu-se que esta é a preocupação de muitos educadores. Portanto, as formulações teóricas a este respeito ainda carecem de reflexões mais aprofundadas.

Agosto é o mês em que o verão deixa qualquer ser, angustiado com sua temperatura na Bahia. No dia 30 de agosto de 2012, a professora começa a explicar a seus alunos, sobre o que ajuda construir e o que destrói nosso meio ambiente. Observando essa aula ficou muito claro que a mediação dessa professora contribuiu para tornar a aula muito proveitosa na quais todos participaram ativamente das discussões. Com o objetivo de analisar o que os alunos aprenderam na aula, a professora os incentivou os alunos a fazerem uma produção escrita (textos).

Para dar início ao dia letivo a professora foi até o depósito da escola e trouxe vários livros velhos. Então ela pediu a seus alunos para recortarem as figuras que lhe chamassem mais atenção referente ao meio ambiente. Eles escolheram, recortam e colam numa folha chamex, a partir deste momento passam a escrever os textos de acordo o seu entendimento sobre o assunto estudado.

Texto: nº 01

Eu sou: Ene

Data: 30 de agosto de 2012

Produção textual

As flores

Era uma uma vez umas flores muito bonitar e cheirosas e

lindas, elas viviam em umas montanha elas era laranjas e nuito bem cuidadas fim.

A aluna Ene, escreveu o texto a parti de uma imagem que representava um campo florido. Ela expressou suas ideias de forma espontânea com coesão e coerência, embora com pouca descrição e informação sobre o ambiente e a repetição da palavra uma.

A produção de Ene apresenta, ainda, uma estrutura de poema e acreditamos que ela e sua turma ouçam historias iniciadas com a estrutura clássica “Era uma vez...” narradas pela sua professora ou família. Observamos, também, que o titulo está coerente com o conteúdo do texto escrito. Isto é, ela fala das flores (bonitas, cheirosas, lindas coloridas(laranjas), além da intensidade, representada pela expressão adverbial “muito bem cuidadas”. Talvez as flores na imagem sejam muito bonitas.

É possível observar que Ene já tem uma boa compreensão palavra com letra maiúscula (As flores). Usou, também, letra maiúscula na primeira que inicia o primeiro parágrafo (era uma vez), como orientam as regras gramaticais da Língua Portuguesa.

Observamos ainda, que o texto de Ene traz alguns problemas, como por exemplo, a repetição de palavra “uma”. Acreditamos que essa repetição foi mero equivoco. Ela grafou a palavra bonita com o [r] no final, em vez de um[s] para

completar a frase [era uma vez uma flores muito bonitar e cheirosas] . Nessa frase usa a língua portuguesa para grafar corretamente a palavra [bonita] deveria ser grafado no plural.

Por outro lado, a aluna Ene escreve o advérbio de intensidade [muito] com um n= muito. As crianças escrevem assim, porque ainda falam dessa forma. Na palavra **bonita** quando acrescenta o **r**, é que posteriormente articula na garganta, com vibrações na ponta da língua em que produz o som de **r**

Cagliari (2006 P.42) afirma que na escrita espontânea dos alunos

Se apóiam na função fonética e a nasalização dos sons (sons/letras). Isto é, os alunos em processo de alfabetização escrevem a palavra como falam ou escutam. A mediação do professor, nesses casos, é de extrema importância para fazer com que os alunos avancem, apresentando textos escritos e propondo a leitura em conjunto com os alunos, ressaltando essas situações.

Texto: nº 02

Nome: Deise

Data: 30/08/09

Produção textual

A cachoeiro

Era uma vez duas cleopada um de amarelo e outro de azul em cima da cachuera era um lugar muito lindo cheio arvore. Elas é muito amigas elas só andava junta, elas disse no nunca vomesespara a de amarelo disse para azul se a gente por desse gritava pror mundo inteiro, pudesse.

Analisando a produção textual a parti da imagem de uma cachoeira da aluna Deise, consideramos seu texto muito interessante. Deise parece que ouviu histórias clássicas, pois inicia seu texto com a expressão “Era uma vez...” o seu texto apresenta também ideias coerentes e coesão. Há também muitas informações, nas quais ela contempla o belo, dando cores e instigando a amizade e o diálogo entre os personagens do texto.

Deise escreve na primeira linha a palavra [cachuera] para representar o vocábulo cachoeira. Observe que aqui ela trocou o [o] por [u] e omitiu o [e] que forma o dígrafo [ei]. Cagliari (2006) nos ajuda compreender esse comportamento dos alunos no início do processo de alfabetização quando escrevem seus textos espontâneos costumam apoiar sua escrita na forma como falam ou escutam. Desempenho comunicativo da aluna onde ela produz um texto, por meio de uma imagem, que representa uma cachoeira. Na sua escrita há coerência das ideias, muitas informações, onde ela contempla o belo dando cores e instigando a amizade e o diálogo entre os personagens do texto.

Além da troca/omissão de letras. Deise também grafou algumas palavras utilizando a segmentação inadequada como, por exemplo, “vomesepara” [vamos separar] “agente por desse” [agente pudesse], parece que ela não aprendeu a fazer a segmentação e a junção intervocálica corretamente.

Cagliari (2007, p.142) afirma que

Quando a criança começa a escrever textos espontâneos verifica-se que costuma juntar palavras de forma não muito adequada. Esta junção reflete aos critérios que ela usa para analisar a fala. Quando fala não percebe a separação de palavras, a não ser quando é marcado pela entonação do falante.

Apesar das crianças cometerem certos erros, é importante que o professor possibilite a elas escreverem, pois assim elas podem analisar a forma que o aluno está percebendo a fala interpretada pela entonação do falante, bem como

as hipóteses que esta elaborando e representando na escrita. Cabe aos professores estimular os nossos alunos a auto-desenvolverem, e não a fazerem tarefas mecânicas, repetitivas, sabemos que, ao trabalhar com esses objetivos, podemos trabalhar e muito, mas o retorno proporciona resultados brilhantes e produtivos.

Texto 3

Nome: Amir

Data: 30 de agosto

O pombinha

Pombinha esta na árvore. Sentada maesquetando. Para voar pelo céu e depois ir para o seu ninho. A pombinha é preta e branca gosta muito de ficar nos troncos das arvores. Ela gosta muito de esquentar no sou pelas as manhãs.

A produção textual de Amir, “a pombinha” o aluno, então a descrever o que esta fazendo no momento de sua observação [pombinha esta na árvore sentada maesquentando, os planos da ave] para voar pelo céu ir para o seu ninho]. Em seguida menciona características [A pombinha é preta e branca] e gosto da ave [gosta muito de ficar nos troncos das arvores. Elas gostam muito de esquentarno sou pelas manhãs].

Neste contexto Amir contempla o poder do sol e a magia das manhãs, e dialoga com a natureza. Na escrita do seu texto percebe-se que o autor dialoga com a natureza. Da forma em que seu texto foi construído, apresenta uma ótima produção espontânea, com auto grau de informações, nas quais ele utiliza de elementos de coesão de coerência e continuidade da descrição.

Por outro lado, o aluno faz a segmentação inadequada “maesquentando” e a grafia da palavra sou por [só] para representar [no sol pela manhã]. Amir omitiu a acentuação da palavra “esta” e trocou ainda o artigo da expressão do título “O pombinha” para representar [A pombinha].

(Maris, Estela, 2008, p.93) afirma:

O [l] na posição pós-vocálica final em português Brasileiro pode ser realizado como uma consoante lateral [l] ou como a vogal [u]. No sul do Brasil, ainda encontramos a variante [l], mas a variante [u] está generalizada no português Brasileiro.

Texto: nº 0 4

Nome: Simone

Data: 30 de agosto de 2012

Asjirafas

olha que lugar mai lido cheia de aves e montanhas e animais i fore i futras i alimetos que da sobrevivar você sabia que asavora são um como alimento dos animais das seres eumanos?

Você sabia que a gente não pode quemar asárvore piouque nãoquema aforetar piuque não vamos ter mais elas por-que ela vevemsas

Autiora do teto- Simone

O texto “As girafas” é uma belíssima produção da aluna Simone, escrita espontânea maravilhosa, com coesão e coerência. Onde descreve o ambiente, faz ricos e sábios questionamentos sobre a natureza, chamando atenção do leitor para uma reflexão necessária com relação à queima das árvores e o cuidado com o meio ambiente.

Ao analisar este texto, vemos, a aluna Simone tem ótima compreensão da escrita, apesar de ainda trazer alguns problemas em sua escrita, ela inicia o seu texto com um título “As girafas” [As girafas] iniciando com letra maiúscula, e faz a troca da letra [j] pelo [g], elas escreve assim. Por que realmente falam ou ouve dessa forma, na palavra **mais** quando escreve **mai** faltando o **s**. Ela mostra que o som da letra **s** não corresponde em sua fala, e quando repete a palavra **i** varias vezes, esses erros ainda cometidos pela suas escritas, acontecem por uma transcrição fonética da sua fala.

Também verifica-se que nas escritas espontânea ela junta algumas palavras numa mesma frase, sei que não é a forma Correta de escrever, mas não tão difícil de alguém que possa compreender o sentido da sua escrita. Então Simone também grafou algumas palavras utilizando segmentação inadequada, como por exemplo: “queimar as árvore piouque” não “queima a floresta piouque” [queimar as árvores porque] não [queima a floresta porque] não vamos ter mais elas por-que Ela “vevem sas” não [vivem mais]. Para elas quando estão escrevendo, não apresenta sentido de separações de palavras. Textos escrita ainda dessa forma, advém de juntura intervocabular e segmentação.

Cagliari (2007) discute que

Quando as crianças começam escrever textos espontâneos, verifica-se que costuma juntar todas as palavras. Essa juntura reflete que ela usa palavras para analisar a fala. Na fala não existe separação de palavras a não ser quando marcada pela entonação do falante. (p142).

Texto: nº 05

Nome: Gedeson

Data: 30 de agosto de 2012

d/n20/04/2002

A cidade

A cidade é muito linda Tem muito prédios tem uma molte onde os carros passam as pessoas que mora nesta cidade e muito feliz.

Na cidadi tem muita gente que anda na cidadde pé, porque não tem carro, e ruim porq tem, muita poluição de fumaça do carro na rua.

Esse texto “A cidade,” foi produzido por Gedeson um garoto que mora na zona rural. Em sua produção, ele descreve como é a cidade do seu município. expõe o assunto como um narrador expondo seu ponto de vista de como é a cidade. Na forma de escrever quando pensou em escrever “**ponte**” e escreveu [**moltas**], e faz repetição desnecessária da palavra cidade.

É bem viável que o Gedeson tem boa compreensão sobre o que é um texto.

Diante da palavra montanha onde o aluno escreve [**molte**], ele conhece a forma ortogragfica da escrita, mas neste momento da escrita há um travamento nasal ou **é** representado pelo til, ou pelas consoantes nasais. Onde acaba engolindo algumas letras.

Mas como diz: Cagliari (2007, p.141)

A hipercorreção é muito mais comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronuncia desta é diferente. Passa a generalizar esta forma de escrever.

Texto: nº 06

produção texto

O fogo

O fogo e muito perigoso e Poti matar aspessoa itaão tome memto

Côato do fogo

Nesse texto é interessante notar que a criança descreve quase tudo integrando as palavras pela função fonética, se escrevem assim dessa forma é porque ainda falam assim. Em questão quando elas emitem sons de outras palavras fazendo estas trocas é que elas ouvem ou falam dessa forma., neste caso é muito difícil cobrar. Diante de tudo isso cabe ao professor, orientar a respeito do que vão escrever.

Diante desta descrição vejam que diz Ferreiro.

Os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendo como tal as que não são o resultado de uma cópia (imediate ou posterior). (Ferreiro, 2011. p, 20).

Escola municipalizada Otavio Samuel dos Santos

As produções de textos dos alunos foram escritos, baseado no projeto, O aniversário de Carinhanha que estávamos desenvolvendo na escola no mês de agosto, foi ai que surgiu a ideia de trabalharmos com produção escritas pelos

alunos. Na atividade indicada os alunos faziam desenho, de como seria o rio São Francisco e em seguida produziam o seu texto.

Texto: nº 01

Aluno: Marlon

O Rio são frarco rio in pilesoje

Um berocioso e get toma a banhe de ropo O rio e muito e bom para a geti

Para ilha para malhada menina e get gota de bacea e barco e ve menina

Marlon escreve o texto por uma função de modificação da estrutura segmental das palavras. E troca as letras assim, entre uma em outra faz supressão. Quando no uso da escrita o aluno ainda não domina bem essa forma de escrita, sempre vão produzindo texto dessa forma. Neste momento cabe ao professor possibilitar a eles escreverem, pois assim ela pode analisar a forma que o aluno esta, assim percebendo a fala interpretada pela entonação de quem fala, bem como as hipóteses que está elaborando e representando na escrita.

As crianças escrevem assim por conta dos sons que percebem através de alguma mensagem ou até mesmo como a sua fala. Apesar de escreverem apoiados nestas funções, podemos perceber a sua inteligência, quando faz a descrição chamando atenção do leitor tanto aos cuidados como a atenção com o rio.

[Marlon “trás em seu texto vários problemas, como por exemplo, a fragmentação da palavra” “Francisco”, onde ele escreve [frarco] e a troca de algumas letras como: [i] por [e], [r], por [l] e ainda [j] por [g] .

Na escrita espontânea iniciais, depois que o aluno aprendeu usar as letras relacionadas com sons de escritas a primeira dificuldade que aparece é de como separar as palavras da fala em escritas. As faltas de segmentação indevida aparecem.

Texto: nº02

O rio são frasisco e o rio muitos enportante
quo muitas casoera e pates de Rio que faz pate da
brasil e de farias região da nordeste e du brasil

Veja este texto à Neiva escreve assim, porque é o modo do falar que ainda predomina na sua linguagem, elas omitem letras fazendo essa troca, nestes casos é muito difícil cobrar. Neste momento o professor deve estar atento nas orientações do que vai escrever.

Porque ao escrever a criança depende fortemente dos conhecimentos que operam- lhe, esse tipo de escrita necessita de uma linguagem específica. E quando ela não exercida é de modo formal transcorre pela função fonética, Assim diz Cagliari (2007, p.140)

Texto: nº03

Rio São Francisco e bonitos de mais as meninas estava tomando
banho
no Rio São Fracisco todo mudo estava tomando banho no rio bonito

Dos textos, a seguir; produzido pelos alunos sobre o Rio São Francisco, formula uma lista de sentenças declarativas e autônomas sem seqüência e troca de letras- e fraguimentação em algumas palavras.

Texto: nº 04

O rio bonito o rio e bonito o rio lido a rio lido
mãe levou para paesea no ri o

Analisando o texto nº 4 vejo que, o Eládio ao fazer sua produção, formula uma lista de sentenças declarativa e autônoma sem seqüência onde faz troça de letras- e fragmentação em algumas palavras. Eládio traz alguns problemas, como por exemplo, a repetição de palavras na mesma frase “O rio bonito o rio e bonito”, “o rio lido a rio lido”. Acreditamos que esse erro foi por mero equívoco. Quando

A pesar de escreverem muitas palavras corretas, parecem não ser orientados sobre como produzir seus pequenos textos, quando o aluno escreve, (O rio bonito o rio bonito, o rio lido o rio lido) a criança formula frases repetitivas, neste momento elas pensam mais na forma de como falam do que aquilo que vai ser escrito.

E na terceira frase quando escreve (mãe levou para paesea no rio) em sua fala ele não percebe esses erros, que é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala. Apesar das crianças escreverem assim podem analisar a forma que o aluno está percebendo ao falar.

Texto: nº 05

Rio são francis e bem lipo Rio São fransisco
O rio e bonito bonito

Observando o texto de Naisson pelo qual faz descrição positiva do rio, o aluno então começa sua descrição, apresentando as características que para ele possui o rio.

Observamos ainda que no texto de Naisson há alguns problemas, apesar de iniciar as frases usando as letras maiúscula o mesmo termina sem a pontuação, porém em sua escrita formula uma lista de sentencias declarativa e autônoma sem seqüência, e ainda faz troca de letras- e uso indevido de letras em algumas palavras.

Ao escrever a palavra **coisa**, escreve “**coiza**”, acaba trocando o **s** pelo **z**, pois a pronuncia do **s** e **z** são pós-vocálica, e na escrita as letras tem o mesmo sons.

Por outro lado, Naisson escreve o verbo [tem] com ele pronuncia [tei], ainda troca o **u** pelo **o** na palavra [tubarão] escrevendo [tufarão].

Como diz Cagliari:

O uso indevido de letras se caracteriza pelo fato de um aluno escolher uma letra possível para representar um som de uma palavra quando a ortografia usa outra letra. (2007, p.140).

Texto : Nº 06

- O rio tei o bocado de coiza bonita
- O rio e maravirozo
- O rio tei peixe
- O rio tei tobararão

Observando o texto de Naisson pelo qual faz descrição positiva do rio, o aluno então começa sua descrição, apresentando as características que para ele possui o rio.

Observamos ainda que no texto de Naisson há alguns problemas, apesar de iniciar as frases usando as letras maiúscula o mesmo termina sem a pontuação, porém em sua escrita formula uma lista de sentencias declarativa e

autônoma sem seqüência, e ainda faz troça de letras- e uso indevido de letras em algumas palavras.

Ao escrever a palavra **coisa**, escreve “**coiza**”, acaba trocando o **s** pelo **z**, pois a pronuncia do **s** e **z** são pós-vocálica, e na escrita as letras tem o mesmo sons.

Por outro lado, Naisson escreve o verbo [tem] com ele pronuncia [tei], ainda troca o **u** pelo **o** na palavra [tubarão] escrevendo [tobarão].

Como diz Cagliari: (2007, p.140) “O uso indevido de letras se caracteriza pelo fato de um aluno escolher uma letra possível para representar um som de uma palavra quando a ortografia usa outra letra”.

Texto: nº 07

Professora: Luciene foi com você quem aprenderi a respeitar os outros legal eu você aqui como amiga qui eu posso aqueditar queria tanto tabaça para mostra pra você não aceite mas esta lição é ofereço essa atenção ao mestre com carinho

Para professora Luciene Sena

Professora Luci espero que você goste dessa canção

Lara em sua composição de texto diz ser uma canção, mas na realidade vejo como um bilhete e acredito que a Lara, gosta e ouve muitas músicas, por isso ao construir seu texto pensou na construção da canção, sei que é uma ideia bastante positiva, pois na canção Lara tenta mostra os laços de amizade construída junto a sua professora. Vejo ainda, a compreensão que tem sobre sua escrita e como tenta grafá-las.

Apesar de começar o titulo ligado à primeira frase e não utilizar as pontuações necessárias, Lara produz um texto com idéias de coerência e coesão, mostrando seus sentimento e gratidão para com a mestra.

Além da troca de letras, Lara grafou algumas palavras com significação inadequada, por exemplo: “ta baça”, [ti abraçar] parece que ela não aprendeu a fazer a junção intervocabular corretamente.

Texto: nº 08

A menina O menino

A menina é foi pacea

E vio o menino é figo Qove são

A palavra **passar** possui característica própria que dificulta o conhecimento, a partir da fala de sua forma ortográfica e faz troca da letra **o** pelo **u**, isso porque ele fala u no lugar de o. A aluna **Taina**, em sua produção descreve o texto dando referência a um passeio, onde os personagens se encontram e começa dialogar. Apesar de ser um pequeno texto, a **Taina**, tem boa compreensão de produção escrita. Inicia o título do texto com letra maiúscula, mesmo tendo a compreensão da escrita, mas antes da sua produção em momento algum usou pontuação, é porque de início, esses sinais não são usados, então esses erros ocorrem nos textos espontâneos. Ao escrever a palavra **passar**, escreve “pacea”. A palavra **passar** possui característica própria que dificulta o conhecimento, a partir da fala de sua forma ortográfica, aqui ela faz troca da letra **u** pelo **o**, isso porque ele fala **o** no lugar de **u**, e omitiu **c**.

Cagliari diz: (2007, p.61)

É impressionante como os erros dos alunos revelam uma reflexão sobre o uso lingüístico da escrita e da fala. Só a escola não reconhece isso, julgando que o aluno é distraído, incapaz de discriminar, aprender, memorizar, se concentrar no que faz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de investigação e análise foram muitas as reflexões sobre a forma mais adequada de se explorar o complexo universo do processo de ensino sobre aprendizagem da produção textual.

Partimos da demonstração que ao longo da história da educação, fez nota-se a importância da inserção, da leitura e escrita na formação dos indivíduos críticos criativos e capazes de posiciona-se diante da situação problema. Nosso olhar sobre a importância da produção escrita no ensino aprendizagem embasou-se na abordagem de vários teóricos de importância como: (VYGOTSKY, 2007), (PIAGET, 2007), (FERREIRO, 2011), (SOARES, 2011,) (FREIRE, 2011), (LAJOLO, 2002).

E para responder essa expectativa escolhi três salas de aula do 3º ano do Ensino Fundamental, ambas de escola diferentes. Onde iniciei pesquisando o resultado da Provinha Brasil das turmas pesquisadas seguindo as entrevistas com as demais categorias e a análise dos textos produzidos pelas crianças e. Com o objetivo de constatar as expectativas quanto aos problemas imaginados existir na escola, foi feita a pesquisa e ficou constatado que todas as professoras estão incluindo a produção de texto nas disciplinas curriculares, inclusive por meio da pedagogia de projetos, as professoras mencionam que nem todos os que tentam estão conseguindo fazer bem feito. Mas uma parte demonstra conhecimento sobre as metodologias indicadas pelas novas propostas de ensino.

Diante dessa realidade, é preciso que haja uma mudança significativa no ensino da leitura, e que façamos uma mobilização em torno da mesma. Afinal, a leitura é muito mais do que um instrumento escolar, é um passaporte para a entrada na cultura escrita.

É importante ressaltar que não se concebe uma cidadania plena sem a utilização da leitura e da escrita. E ler na escola é ler para se inserir na sociedade letrada. A leitura não é somente a apropriação de um conjunto de práticas

culturais que envolvem compreensão do mundo diferente daquela dos que não têm acesso a leitura.

A leitura, nos dias de hoje, tem um papel tão significativo na sociedade que podemos dizer que ela cria novas identidades, novas formas de inserção social, novas maneiras de pensar e de agir. No entanto, é preciso lembrar que o domínio da leitura envolve uma série de habilidades complexas que precisam ser desenvolvidas progressivamente. É difícil formar bons leitores se não conhecemos as metodologias adequadas para essa prática. A leitura está sempre presente em nosso cotidiano, mas infelizmente alguns docentes não a reconhecem como instrumento principal para o desenvolvimento intelectual, bem como a peça chave para o exercício da cidadania. Ambos, a escola e o professor devem andar juntos para que possam dar oportunidade as crianças, dando a ela a capacidade de pensar, criar e recriar suas próprias leituras e assim integrar a escrita.

Eu creio que preciso acreditar no que faço, mas ter a mente aberta para novos caminhos, e jamais perder de vista meu objetivo, não desprezar o que já sei em detrimento do novo, ter uma atitude reflexiva perante as diversas mudanças sugerida ou cursos de formação, filtrar o que me serve, tendo consciência de que mudar é difícil, mas possível (FREIRE, 1996, p.88).

Considerando o processo de produção textual como não dissociado do contexto cultural do aluno e das atividades, dessa forma, a valorização das condições de escrita de textos significativos, da capacidade de reflexão crítica da interação e de um processo dialógico entre professor e aluno.

Devido à amplitude da temática abordada e da imensa diversidade que caracteriza o corpo discente em nosso País, é indispensável que o professor tenha a oportunidade de rever sua ação docente para constantemente se organizar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais língua Portuguesa**. Secretaria de Estado de Educação. 1997.

CADERNO 2, Ceale – **Letramento - Alfabetização-** Leitura e Escrita, ano,2009.

CAGLIARI, Luis Carlos, **Alfabetização e Lingüística**. Editora Spcione, São Paulo, 1989.

_____. **Alfabetização Sem o ba- be- bi- bo- bu**. Ed. Spcione, São Paulo, 1998.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. CAMPINAS, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. **Alfabetização de Adultos: As Bases Teóricas dos métodos**
_____. **Editora Publifolha**; 1 edição 2009.

_____. Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. México: Março, 1994.

_____. Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo:

_____. Líliliana Soares. **Produção de leitura na escola: a interpretação do texto literário nas séries iniciais**. Ijuí: Unijuí, 2001

FERREIRA, Emília. **Com Todas as Letras**, Editora Cortez. São Paulo, 1991.

FERREIRO & TEBEROSKY. **A Psicogênese da Linguagem Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KOCH, I. V.&TRAVAGLIA, L. C. **A Coerência Textual**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
_____. **A Coesão Textal**. 7. ed. São Paulo:contexto,1994.

_____. **Argumentação e Linguagem**. 4ed São Paulo: contexto1996.

_____ **A Intertextualidade Como critério de textualidade Lingüístico textual**: Texto e Leitura – Caderno PUC, São Paulo. nº 22. P.34 - 46, 1986.

VYGOTSK. L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: epo, 1986.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Disponível em: novembro de 2012.

MARTINS, P. L. **A Didática e as Contribuições da Práticas**. 2 ed. Campinas: Pampirus, 2003.

_____ Maria Helena. **O que é Leitura**, 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MINAYO, M.C. de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **O desafio do conhecimento**. 4. ed. São Paulo :Hucitec – Abrasco, 1996.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento** 5 ed. São Paulo, 2008.

SILVA. Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina, **Sim, a literatura Educa**; Literatura e pedogogismo – ponto & contraponto. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1999.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**, São Paulo, Ática, 2002.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Pré Escola**. São Paulo, Cortez, 1995.

PARTE 3

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

É grandiosa a importância da trajetória escolar vivenciada esses anos na universidade a mesma, possibilitou-me segurança e fomentou em minha vida um olhar diferente às diversas trajetórias vividas dentro e fora do contexto escolar.

Após concluir o curso de pedagogia, ainda tenho convicção de continuar sendo professora das turmas de crianças das series iniciais, mas uma professora que vislumbre ao trabalhar novas formas, que realmente desperte nas crianças o desejo de aprender. Hoje procuro investigar, apurar e desenvolver minhas potencialidades e ter força de vontade de aprender cada vez mais, e satisfazer o meu *desejo de servir á sociedade com ideias* que me façam sentir orgulho de procurar investigar e desenvolver algo que ajude a transformar a nossa sociedade. Que diante de toda trajetória de curso, aprendi a ter a melhor noção do que é ser um professor alfabetizador um mestre que pode construir realmente sua história e com ela revolucionar, muito ao contrario do que era antes.

Durante todo esse tempo de estudo concluo que, na Universidade, aprendi que a grande estratégia do desenvolvimento do estudante, é induzir, a vontade e a capacidade de inovar, de aprender novas especialidades e descobrir novas oportunidade e, esta se desdobra por um investimento de uma boa formação.

ANEXOS

APÊNDICE 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES



Pesquisa: com professores.

Data de Aplicação:

Prezados

Bom Dia!

Este questionário busca informações, sobre como os professores ensinam produção textual aos seus alunos do 3º ano, onde através dele procuro conhecer a realidade da escola pesquisada, com as informações cedidas pelo corpo docente da instituição.

Os resultados obtidos farão parte do trabalho de conclusão de curso de pedagogia onde os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo.

Por esta razão peço que seja o mais sincero possível.

Desde já agradeço sua colaboração.

- 1 Há quanto tempo você é professora?
- 2 O que é uma produção textual em sua opinião?
- 3 De que forma você tem ensinado seus alunos produzirem textos escritos?
- 4 Qual o melhor momento para o professor trabalhar produções escritas com os alunos?
- 5 Qual a maior dificuldade encontrada no momento que vai orientar seu aluno a produzir textos?
- 6 Como se sente ao ler as produções escritas dos seus alunos?
- 7 Se lhe perguntassem o que é leitura e o que é escrita o que você diria?
- 8 Em sua opinião, as leituras estimulam o gosto pela escrita de seus alunos?
- 9 Para os alunos que estão em atraso escolar, é difícil ensiná-los a produzir? Porque ?
- 10 E você gosta de produzir textos?



Roteiro de entrevista com os coordenadores

Nome: -----

Formação: -----

1. A instituição de ensino fundamental possui proposta pedagógica?
2. No processo de construção da leitura e escrita na educação com alunos de 08 anos de idade, linguagens?
3. Nas seqüências didáticas desenvolvidas com os alunos existem atividades:
4. Em sua opinião os conteúdos propostos por você em sua sala de aula são significativos para seus alunos?
5. Que propostas você considera adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos do 3º ano em processo em professora alfabetização?
6. Que representa um desafio alcançável para os alunos, quer dizer, que leva conta suas competências atuais e as façam avançar com ajuda necessária; portanto, que permitem criar zona de desenvolvimento proximal positiva e intervir?
7. Que promova uma atitude favorável, que quer dizer, que os alunos que sejam motivados em relação à construção da leitura e produção?
8. Quem estimula a auto-estima dos alunos em relação às aprendizagens que se propõem. Isto que quer dizer que os alunos possam apropriarem de linguagem oral e escrita e que seu esforço valeu a pena?

9. Que ajude as crianças adquirir habilidades relacionadas leitura escrita, que lhe permitam ser cada vez mais autônomo em suas aprendizagens?

a) Caracterize o grau de participação dos alunos nas atividades em sala de aula.

b) Como você vê as práticas de escritas dos alunos em sua instituição?

10. Em sua opinião quais são as estratégia mais apropriadas para da ênfase na inicio de produções escritas?

11. Como você vê hoje as provinha Brasil aplicado em sala de aula?

12. Quais das situações seria mais estratégia para da inicio a escolarização da produção textual?

13. Na sua área você como coordenadora o que é para você uma produção textual .

14. Na sua concepção qual o melhor momento para dá início aos trabalhos de produção com os alunos de 3ºano?



ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DIRETORES

NOME:

FUNÇÃO ATUAL:

1. Qual a concepção de infância adotada por esta escola?
2. Como tem sido feita a organização do trabalho pedagógico voltado para a leitura e a produção textual de seus alunos?
3. E o perfil do profissional que trabalha nessa área, em sua opinião como deve ser?
4. Em sua opinião como o espaço deve ser organizado para alunos de 8 anos de idade?
5. E o espaço da sua escola, você considera que é apropriado para os alunos conforme garante a lei?
6. Diante de algo que lhe causa angústia, e que tem pretensão, de melhorar na qualidade de ensino dos seus alunos. O que ainda pensa, em fazer por eles?
7. E espaço de sua escola, você considera que é apropriado para os alunos conforme garante a lei?
8. Diante de algo que lhe causa angústia, e que tem pretensão de melhorar na qualidade de ensino dos seus alunos, o que ainda pensa em fazer por eles?
9. A sua escola trabalha com algum programa adotado Por lei?

10. Que você acha desse programa perante os trabalhos feito com seu alunos?

11. Depois deste programa apresentado e executado em sua escola que conclusão você chegou?

12. Você como diretor da escola como se sente ao observar cada produção de texto feito pelos alunos quando chega a suas mãos como um tipo de comunicação?

13. Como você classifica a qualidade da provinha Brasil?

ANEXO 02

TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Faculdade de Educação

Universidade de Brasília

Prezada Professor (a),

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem por tema

_____.

O trabalho será desenvolvido por mim, estudante de graduação devidamente matriculada no Curso de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Todos os procedimentos precisam ser registrados e por isso, serão feitos registros escritos e gravações (entrevistas). As informações construídas serão consideradas sigilosas de acordo com as recomendações éticas. O seu nome (real) será omitido em todos os registros escritos e as fitas gravadas serão desmagnetizadas após o estudo.

Sua assinatura abaixo indica que você leu, esclareceu dúvidas e livremente concordou em participação dessas atividades. Caso tenha alguma questão ou dúvida, basta entrar em contato comigo ou com a minha orientadora. O nome e o telefone encontram-se ao final desta página.

Agradecemos sua atenção e cooperação.

Data _____/_____/20____.

Nome do participante: _____

Telefone: (0XX) _____

Assinatura

Estudante: (Nome da (o) estudante) _____

Telefone: (0XX) _____ ou e-mail: _____

Coordenadora do Polo de apoio: _____

Telefone: (0XX) _____ ou e-mail: _____